CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

DE MANICONGO A MANICONGO: SABERES TRAVESTIS

Maxwell Aleixo Damásio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Cristina Giorgi

Rio de Janeiro
Setembro de 2023

DE MANICONGO A MANICONGO: SABERES TRAVESTIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Maxwell Aleixo Damásio

Banca Examinadora:

Professora Drª. Maria Cristina Giorgi (CEFET/RJ – Orientadora)

Professora Drª. Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF)

Professor Dr. Humberto Manoel de Santana Júnior (CEFET/RJ)

SUPLENTES

Professor Dr. Alexandre de Carvalho Castro (CEFET/RJ)

Professora Drª Maria del Carmen Fatima González Daher (UFF)

Rio de Janeiro
Setembro de 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

D155 Damásio, Maxwell Aleixo
De manicongo a manicongo: saberes travestis / Maxwell Aleixo Damásio. — 2023.
66f. : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.
Bibliografia : f. 64-66
Orientadora: Maria Cristina Giorgi

1. Memória coletiva. 2. Travestis - Negros. 3. Travestis. 4. Letramento – Aspectos sociais. I. Giorgi, Maria Cristina (Orient.). II. Título.

CDD 302

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação às pioneiras do movimento travestis no Brasil: Jovanna Baby, Elza Lobão, Monique Du Bavier e Claudia Pierry France.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Antônio Marcos Damásio (em memória) e Denise da Silva Aleixo por todo conhecimento e carinho durante este processo de formação educacional, mediante as inúmeras opressões sociais, sempre fuiencorajado a seguir meus sonhos e o apoio de ambos, mesmo sem ter acessado o ensino superior foram fundamentais para minhas escolhas.

Agradeço às minhas irmãs Maxilaine Aleixo Damásio, Mariany Aleixo Damásio e Mayla Aleixo Damásio pela compreensão e por tantos ensinamentos ao longo deste processo; tem um pouco de cada uma de vocêsnesta conquista. Cumprimento meu parceiro de vida ao longo desses sete anos Ronney Nogueira Barrote por acreditar e sonhar este sonho ao meu lado, mesmo nos piores momentos nunca soltou minha mão.

Agradeço minha inspiração acadêmica a Dr° Luciana Senra por despertar minhas potencialidades ainda no processo formativo da graduação em psicologia, você me permitiu acreditar que seria capaz, obrigado por todo ensinamento ao longo desses anos. Agradeço aos meus grandes amigos da cidade de Manhuaçu por todo incentivo e por sempre acreditarem em mim. Obrigado pela amizade e pelo carinho.

Em especial agradeço à minha orientadora Dra° Maria Cristina Giorgi pela recepção no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais – PPRER, sempre aberta ao diálogo e às trocas durante este processo. Você éuma referência de vida, obrigado por tudo e por tanto. Cumprimento todos os professores do PPRER pela acolhida e trocas de conhecimentos ao longo desses dois anos, saio muito mais maduro e consciente das minhas responsabilidades enquanto pesquisador, graças aos ensina- mentos de vocês.

Agradeço de coração às minhas amigas de turma Glauce e Marcelli pela amizade, ter encontrado vocês neste caminho, tornou sem sombra de dúvida a caminhada mais leve. Obrigado por sonharem esse sonho ao meu lado, agradeço também ao grupo de pesquisa em estudos da Análise do Discurso, quantos conhecimentos adquiridos, vocês são nota mil.

Ressalto que inúmeras são as mãos que me ajudaram a construir essesonho e sou grato a cada apoio, acolhida, abraços, trocas. Sigo com o coraçãograto e feliz pela realização de mais um sonho.

“*Eu determino que termine aqui e agora.*

Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo.

Determino que termine em nós e desate

Que amanhã possa ser diferente com elas

Que tenham outros problemas e encontre novas soluções

E que eu possa viver delas, através delas, e suasmemórias”

Linn da Quebrada – Oração.

RESUMO

De manicongo a manicongo: saberes travestis

O presente estudo tem por objetivo refletir acerca da produção discursiva do processo histórico da construção social do movimento de travestis no Brasil. Proponho uma reflexão acerca da produção de letramento de reexistência da população negra travesti a partir da análise discursiva de Bianca Manicongo no Instagram (@bixarte) e demais saberes travestis. Busco apontardeslocamentos que tenho identificado na referida rede social, em consonância com a história de Xica Manicongo natural do Congo e escravizada em solo brasileiro, registrada oficialmente como Francisco, conhecida atualmente como a primeira travesti da História do Brasil, considerando os registros de sua existência, derivados dos arquivos da primeira Visitação da Inquisição. Delineando uma trajetória histórica dos usos das informações disponíveis desde o século XVI, por parte de pesquisadores, movimentos sociais e artísticos, reitera-se o caráter mobilizacional da construção da memória coletiva e seu relevante papel na construção e protagonização de identidadesgrupais (Jesus,2019). Situados na intersecção entre linguística aplicada e a psicologia social, apoiamo-nos numa ideia de linguagem que, além de dialógica (Bakhtin, 1929; 1979) é um modo de intervir no mundo e não apenas representá-lo (Rocha, 2006; 2014) bem como o conceito de letramento de reexistência pensado por Souza (2011). Nesse sentido objetivamos, ainda entender os meios de incorporação das travestis pretas nessa rede social, demarcando um espaço de ativismo social, para que sejam assegurados seusdireitos básicos e o pleno exercício de sua cidadania, negados, principalmente,mediante a criação e atualização de necropolíticas (Mbembe, 2018).

Palavras-chave: Memória coletiva; travestis; letramento de reexistência

ABSTRACT

From manicongo to manicongo: transvestile knowledge.

This study aims to reflect on the discursive production of the historical processof the social construction of the transvestite movement in Brazil. I propose a reflection on the production of reexistence literacy of the black transvestite population based on the discursive analysis of Bianca Manicongo on Instagram(@bixarte) and other transvestite knowledge. I seek to point out displacementsthat I have identified in the aforementioned social network, in line with the storyof Xica Manicongo, born in Congo and enslaved on Brazilian soil, officially registered as Francisco, currently known as the first transvestite in the Historyof Brazil, considering the records of his existence derived from the archives ofthe first Visitation of the Inquisition. Outlining a historical trajectory of the usesof information available since the 16th century, by researchers, social and artistic movements, the mobilization character of the construction of collective memory and its rele- vant role in the construction and protagonism of group identities is reiterated (Jesus, 2019). Located at the intersection between applied linguistics and social psychology, we rely on an idea of language that,in addition to being dialogic (Bakhtin, 1929; 1979), is a way of intervening in theworld and not just representing it (Rocha, 2006; 2014) as well as the concept of literacy of reexistence thought by Souza (2011). In this sense, we aim to understand the means of incorporating black transvestites into this social network, demarcating a space for social activism, so that their basic rights andthe full exercise of their citizenship are assured, denied, mainly, through the creation and updating of necropolitics (Mbembe, 2018).

Keywords: Collective memory; transvestites; re-existence literacy

SUMÁRIO

Apresentação..... 10
1. Travesti não é bagunça 15
1.1. Breve resumo sobre o conceito de gênero 16
2. Xica Manicongo a primeira travesti na história do Brasil..... 22
2.1. A história do nascimento do movimento de travestis nos Brasil: Uma análise apartir do pionerismo de Jovanna Baby..... 25
2.2 O nascimento da associação de travestis e liberados. 29
2.3. As ações da associação de travestis e liberados..... 31
2.4. O movimento homossexual brasileiro. 32
2.5. A associação nacional de travestis e transexuais – antra. 34
2.6. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2017. 35
2.7. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2018. 37
2.8. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2019. 39
2.9. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2020. 40
2.10. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2021. 41
2.11. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2022. 42
2.12. Análise dos dados da associação nacional de travestis e transexuais entre os anos de 2017- 2023 43
2.13. O enfrentamento político ao racismo: o impacto da discriminação racial nas vivências de travestis e transexuais negras. 44
3. Redes sociais e digitais e a construção do sentido político 48
3.1. Bianca manicongo e o poder da palavra..... 51
3.2. Poesias e performances 55
3.3. Análise dos vídeos do igtv (@bixarte);..... 56
3.4. Dia 08 de março não é para comemorar 57
3.5. Construção do corpus..... 58
3.6. Mês da visibilidade trans 59
3.7. Construção do corpus..... 60
4. Considerações finais. 63
5. Referências..... 64

Apresentação

Falar sobre o meu processo enquanto um homem preto retinto nunca me remeteu a boas lembranças; essa sensação e percepção são mais pela experiêncianegativa ao me descobrir enquanto um homem preto e ainda me questiono: será mesmo que me descobri? Todo o pouco que sei a respeito da minha condição humana foi construído socialmente e empurrado goela abaixo sem o direito de questionar.

“Fala igual homem”, “você rebola demais”, “acende a luz para o Maxwell aparecer na foto”, todas essas atrocidades me perseguem até hoje quando sou comparado a uma outra pessoa preta, simplesmente pelo fato de ser preto. Por muitotempo acreditei que não fosse humano, que não merecia amor, carinho, atenção e que minha obrigação era de fato servir o outro, esse outro branco, belo, respeitado e bonito.

Recordo-me com muito ódio e raiva das violências raciais que sofria na escola. Dói muito. Confesso que naquela época não tinha tanta consciência sobre as questões raciais, entretanto o racismo me perseguia, nunca tive sequer descansona verdade. Entre os corredores da Escola Municipal Reinaldo Alves Costas, na pequena cidade de Ponte Nova – MG, se ouviam os gritos dos alunos me chamando de MACACOSUEL, fazendo referência à aparência de macaco com a junção do meu nome.

Foram anos sendo perseguido na escola, esse fato em específico fez com que por muito tempo questionasse minha aparência, influenciando diretamente na construção da minha autoestima. Como estratégia de permanência neste ambiente,comecei a me interessar pela arte, participei de inúmeros festivais de poesia. A arteneste primeiro momento me possibilitou ser criança a fantasia dos livros a harmoniada biblioteca era meu refúgio

Desde muito novo eu sempre precisei contribuir com as responsabilidades donosso lar, filho de empregada doméstica e aposentado as coisas nunca foram fáceis, entende-se no sentido amplo, crescido no morro do triângulo velho na cidade de Ponte Nova e oriundo de projetos sociais, como também beneficiário da bolsa escola, vale gás e bolsa família, costumávamos costurar as despesas diárias para que nada faltasse, essa arte meus pais dominavam muito bem.

Hoje compreendo as nuances do racismo estrutural em cada etapa da minhavida, desde a condição precária de sobrevivência aos insultos e desrespeito no contexto escolar. Ninguém costuma ouvir as dores dos homens pretos, não é mesmo? Por muito tempo eu quis ser escutado, compreendido e não era possível em nenhum contexto, pois ao homem preto só cabe o trabalho e a geração de renda.

Duvidei muito do meu potencial educacional o que resultou em inúmeras reprovações, aconteceu um fato bem peculiar ao qual uma diretora de uma escola de ponta da minha

cidade, chamou o meu pai e disse na minha frente e do meu pai a seguinte frase: “Seu filho não tem capacidade cognitivade estudar nesta escola, estou entregando a você a matrícula dele”.

Eu sempre fui uma criança, adolescente e até mesmo adulto embalado peloódio, raiva, medo, insegurança pelas inúmeras violências sofridas, ainda assim todosos dias eu luto com todas as minhas forças para reverter tais situações ao qual vivenciei e está escrevendo essa dissertação é a prova disso.

Se não bastasse ser preto, durante meu processo me descubro enquanto uma bixa preta, fodeu. Pais “conservadores”, um mix de descontentamento por achar que estariam decepcionando mais uma vez meus pais, mas com o passar do tempotudo foi se ajeitando e ser bixa nunca foi de fato uma questão no meu contexto familiar, o problema sempre foi, minha autocobrança, não aceitava de jeito nenhum, acreditava fielmente que estariam decepcionando a Deus, por congregar em uma igreja evangélica.

Por vezes, numa tentativa de suturar tal ferida e buscar reconhecimento e, quem sabe a sensação de pertencimento, buscava constantemente a tarefa de ser omelhor em tudo que me propunha a fazer. Foi assim na graduação em Psicologia queconquistei o reconhecimento dos professores e colegas de turma. Notado pela minharaiva mediante os processos de exclusão das minorias sociais nos espaços acadêmicos, fui ganhando visibilidade e até me tornei uma “referência” no que tangeàs questões raciais.

Hoje eu vejo o problema racial como uma enorme ferida na minha vida. É umator- mento que sinto e penso todos os dias o tempo todo e por vezes não gostaria de sentir, mas é inevitável quando se nasce negro. Adentrar o Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicos Raciais, com a proposta de se pesquisar mulherestravestis negras e o mercado de trabalho é um ganho e tanto para minha construçãocomo sujeito.

Existe muito das minhas dores nesta proposta, saliento que de uma forma atémesmo indireta. Na graduação em Psicologia já existia da minha parte uma certa inclinação para área da Psicologia social ao qual me permitiu falar abertamente sobre as questões de raça, sexualidade, trabalho e suas subjetividades. Me recordoque falar sobre transexualidade era uma forma de falar das minhas inquietações sem me expor tanto, enquanto uma bixa preta.

Eu sempre me senti muito acanhado em falar sobre o meu processo de bixapreta, por não ter muita referência e até mesmo espaço de troca, mas, ao mesmo tempo, sempre me chamou bastante atenção a forma como as travestis e transexuais se organizam e se jogam em seus desejos e anseios, mesmo tudo a suavolta afirmando que aquilo não é o “correto”.

Como uma bixa preta, eu me inspiro nas travestis e transexuais no sentido de buscarme afirmar pelo que sou mesmo com todos os embaraços.

Pesquisar sobre o movimento social e político das travestis no Brasil, me fazentender inúmeras questões internas, mesmo não sendo uma pessoa travesti, poisexistem neste ciclo

muitos pontos em comuns com a bixa preta. Quero começar pelahipersexualização dos nossos corpos, o que me remente o período escravocrata aoqual os homens negros tinham por obrigação se colocar à disposição sexualmente dos seus senhores. (FONTE) Isso ilustra a realidade de inúmeras bixas pretas, travestis pretas e transexuais pretas que por inúmeras vezes somos colocadas, colocados neste lugar de fetiche, subserviência. O que evidencia claramente o racismo estrutural.

Outro ponto pertinente que pude perceber ao longo deste trabalho é a solidãoafetiva com a que nos deparamos ao assumirmos nossas orientações sexuais e identidade de gênero. Quem ama as travestis preta? Quem ama as bixas pretas.

Mediante aos impasses da pandemia do COVID-19, precisei reformular o projeto de pesquisa, inicialmente a proposta era pesquisar a inserção de mulheres travestis negras no mercado de trabalho em Manhuaçu/MG. Por questões pessoaisprecisei me mudar para a cidade de São Paulo e a pesquisa seguiu uma nova direção.

Diante os impasses, pretendo com essa pesquisa refletir o processo de construção do movimento social e político de travestis no Brasil o qual expõe saberes, lutas, conquistas, desafios, dores e resistência em consonância com a linguística aplicada e a psicologia social. A escolha final do meu objeto de estudo é:“De manicongo a manicongo: saberes travestis”.

Com intuito de discorrer sobre a história da criação e luta do movimento social organizado de travestis no Brasil a partir da história de Xica Manicongo em consonânciacom o pioneirismo da principal representante do movimento de travesti no Brasil, Jovanna Baby em concordância com o ativismo de Bianca Manicongo (@bixarte) na plataforma digital Instagram através da análise de suas poesias e performances.

O estudo será conduzido e apresentado a partir dos pressupostos que me conectam ao movimento social de travestis, em paralelo com os dispositivos de raça, gênero e sexualidade e tem como ponto de partida a visibilidade e o protagonismo de travestis e transexuais negras através do conceito de memória coletiva. Tais construções contribuem para o fortalecimento e visibilidade dos saberes travestis, protagonizados por mulheres negras, sendo estas as principais responsáveis pelas transformações sociais em nossa sociedade. As travestis constantemente são colocadas no lugar da invisibilidade, marginalidade e entre outros. E trazê-las como protagonistas de suas histórias é um ato político

No primeiro capítulo, dialogarei com o bordão “Travesti não é bagunça”, para repensar a imagem de controle imposta socialmente a esta população, sendo o principal objetivo desconstruir a ideia de que travestis não merecem ser respeitadas. A seguir tratarei uma breve reflexão histórica sobre a construção social do gênero, a fim de compreendermos as nuances de gênero, como também as contribuições do movimentotransfeminista para desconstrução do gênero a partir da perspectiva de mulheres travestis e transexuais. Neste sentido, dialogarei

com os conceitos gênero, sexualidadee identidade de gênero a partir das obras das intectuais Jaqueline Gomes de Jesus (2012), Joan Scott (2002), Louro (2007), Fraser (2019), Leticia Nascimento (2021), Simone de Beauvoir (1970), Koyama (2021). Tal apontamento é de suma importância para compreensão do gênero enquanto uma lógica de poder que controla e regula os corpos dissidentes, tornando-se a cisheteronormatividade uma ferramenta de manutenção da marginalização dos corpos trans e travestis.

No segundo capítulo, versarei sobre a história de Xica Manicongo, considerada a primeira travesti negra encontrada em solo brasileiro, resgatada pelo antropólogo Luiz Mott (1999), em concordância com a história do movimento social e político de travestis. Tal apontamento surge da necessidade de entender e compreender o surgimento histórico da primeira travesti encontrada em solo brasileiro em acedência com as narrativas do movimento social de travestis no Brasil, através do pioneirismo de Jovanna Baby (2021). Para o levantamento das informações apresentadas a respeito do movimento social e político de travestis e compreensão das nuances que a história traz, recorri ao livro Bajubá Odara: Resumo Histórico do Nascimento do Movimento de Travestis no Brasil (2021) e o documentário Jovanna Baby: Uma Trajetória do Movimento de Travestis e Trans no Brasil (2020). As construções acerca das pesquisas aqui apresentada dialogam com os dispositivos de raça, gênero e sexualidade, sendo estes os principais marcadores sociais para compreensão da transfobia e do racismo estrutural, vivenciado pelas travestis e transexuais negras que será apresentado neste estudo através do mapa de violência e assassinatos dos anos de 2017 a 2022 em paralelo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – Antra. Dialogando sobre o impacto do racismo na vivência de travestis e transexuais negras, entendendo o fenômeno do racismo como uma estrutura social que marginaliza e invisibiliza os saberes travestis. Todavia é importante destacar a importância do movimento feminista negro no direcionamento das ações e estratégias de sobrevivência desta população. Sendo as travestis e transexuais negras o centro desta pesquisa é de suma importância atrelar o conceito de interseccionalidade cunhado por Akotirene (2019), e que nos permite entender as articulações de eixos de poder e de discriminação que estruturalmente produzem opressão, desatacando os eixos de racismo, patriarcado e aestrutura de classe que dialoga com os pressupostos da necropolíticas instituída pelo Estado proposta por Mbembe (2018).

No terceiro capítulo apresentarei as redes sociais, enquanto espaço sociais e de construção de sentido político a partir da plataforma do *Instagram,* em concordância com análise do discurso em paralelo com os fundamentos de (Bakhtin, 1929; 1979) e (Rocha, 2006; 2014), Todavia, os desdobramentos aqui apresentados são de suma importância para a compreensão do movimento social e político de travestis no Brasil apartir de personalidades negras, uma vez que as premissias deste trabalho é analisar como a multiartista Bianca Manicongo (@bixarte) faz uso do *Instagram* em prol das causas sociais contemporâneas que

demandam de maior visibilidade e compreensão por parte da sociedade, tendo como referência as pioneiras do movimento social de travestis no Brasil. Movimento esse que perpetua como um espaço de resistência e luta.Mediante as contribuições apresentadas é de suma importância a interlocução com o conceito de “memória coletiva” proposto pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1950/2004), e aqui mantido para designar as memórias que, em seu processo de construção, são objeto de discursos e práticas coletivas por parte de grupos sociais razoavelmente bem definidos. Neste sentido é possível compreender a importância da interlocução entre gerações ao qual permite um aprofundamento sobre o legado e a história das que fizeram e continuam fazendo histórias dentro do segmento.

1. Travesti não é bagunça

Apesar dos importantes avanços obtidos no que tange às questões de gênero, orientação sexual e identidade de gênero, persistem no Brasil as desigualdades raciais, étnicas e de gênero. O mito da democracia racial, presente no imaginário da população brasileira de que somos um país livre de preconceito, ainda contribui paraa opressão de grupos socialmente marginalizados em nossa sociedade tais como: mulheres, população indígena, pessoas em situação de rua, usuários de substâncias psicoativas, profissionais do sexo, travestis, transexuais, homens gays e entre outros.

Pode-se concluir que vivenciamos hoje um aceleramento das relações de opressões aos grupos minoritários. Travestis e transexuais são perseguidas porquestões diversas, sendo o principal ataque partindo do moralismo religioso, queinstituiu uma visão totalmente errônea sobre homens e mulheres trans, considerando“fielmente” que tudo que “foge” desta “norma” está contrariando os princípios da vida humana.

Condenada à pena de morte e a ser queimada viva em praça pública e ter seus descendentes desonrados até a terceira geração pela Igreja racista, Xica Manicongo precisou abrir mão de quem era para ter o direito de viver – uma dor quese repete até os dias de hoje. Pessoas transexuais e travestis são discriminadas em quaisquer ambientes em que se inserem. Não obstante a isso, no ano de 1987 foi instituído no Brasil a “Operação Tarântula”, que tinha como objetivo perseguir, discriminar e matar travestis, por acreditar que tal grupo era o disseminador da epidemia da Aids no país – e no mundo.

Rapidamente se instaurou um ódio à população de travestis por todo o país, sendo estas perseguidas em quaisquer ambientes em que estivessem e colocadas em posição de “malignas”, “marginais”. Mulheres travestis e transexuais negras são discriminadas, inicialmente em função da raça e, paralelamente, por sua identidade de gênero e orientação sexual. Este grupo sofre as consequências cumulativas do racismo, sexismo e transfobia, sendo inúmeros os agentes nas relações de poder quemarginalizam as mulheres travestis e transexuais negras. Sendo estas herdeiras de Xica Manicongo ao qual seguem lutando contra a lógica de opressão, criando oportunidades e construindo seus próprios meios de sobrevivência.

Apesar dos importantes avanços obtidos no que tange às questões de gênero, orientação sexual e identidade de gênero, persistem no Brasil as desigualdades raciais, étnicas e de gênero. O mito da democracia racial, presente no imaginário da população brasileira de que somos um país livre de preconceito, ainda contribui para a opressão de grupos socialmente marginalizados em nossa sociedade tais como: mulheres, população indígena, pessoas em situação de rua, usuários de substânciaspsicoativas, profissionais do

sexo, travestis, transexuais, homens gays e entre outros.

Pode-se concluir que vivenciamos hoje um aceleramento das relações de opressões aos grupos minoritários. Travestis e transexuais são perseguidas por questões diversas, sendo o principal ataque partindo do moralismo religioso, que instituiu uma visão totalmente errônea sobre homens e mulheres trans, considerando “fielmente” que tudo que “foge” desta “norma” está contrariando os princípios da vida humana.

Condenada à pena de morte e de ser queimada viva em praça pública e ter seus descendentes desonrados até a terceira geração pela Igreja racista, Xica Manicongo precisou abrir mão de quem era para ter o direito de viver – uma dor quese repete até os dias de hoje. Pessoas transexuais e travestis são discriminadas em quaisquer ambientes em que se inserem. Não obstante a isso, no ano de 1987 foi instituído no Brasil a “Operação Tarântula”, que tinha como objetivo perseguir, discriminar e matar travestis, por acreditar que tal grupo era o disseminador da epidemia da Aids no país e no mundo.

Rapidamente se instaurou um ódio à população de travestis por todo o país,sendo estas perseguidas em quaisquer ambientes em que estivessem e colocadas em posição de “malignas”, “marginais”. Mulheres travestis e transexuais negras são discriminadas, inicialmente em função da raça e, paralelamente, por sua identidade de gênero e orientação sexual. Este grupo sofre as consequências cumulativas do racismo, sexismo e transfobia, sendo inúmeros os agentes nas relações de poder que marginalizam as mulheres travestis e transexuais negras. Sendo estas herdeiras de Xica Manicongo ao qual seguem lutando contra a lógica de opressão, criando oportunidades e construindo seus próprios meios de sobrevivência.

1.1. Breve resumo sobre o conceito de gênero.

Bem antes de nascermos, o determinismo biológico de gênero define como devemos nos portar no mundo. A ideia daquilo que se entende por gênero já direciona todo o nosso caminho. Scott (2002) afirma que gênero[1] é uma categoria analítica usada para explicar as relações sociais entre pessoas de diferentes sexose orientações sexuais, assim como uma variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças que ocorrem nas várias culturas e sociedades.

Neste sentido o gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuído ao sexo. Ou seja, gênero está vinculado à construção social, não a características naturais. Ogênero, portanto, se refere a tudo aquilo que foi definido ao longo do tempo e que anossa sociedade entende como papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

É importante enfatizar que o conceito de gênero cunhado em meados do século XX já

passou por diversos desdobramentos, e ele é fundamental para existência política e organizada, como também para a teoria dos movimentos feministas e LGBTQIA+ (LOURO, 2007). Esse conceito fez emergir várias transformações culturais e sociais e permanece como uma poderosa ferramenta teórica e política nos dias de hoje (SCOTT, 1995), visto que a sociedade ainda necessita de mudanças estruturais e institucionais (FRASER, 2019).

A noção de gênero para se referir às relações sociais entre homens e mulheres começa a ser utilizada na segunda metade do século XX, no contexto das discussões e construções teóricas feministas sobre desigualdade social para explicar as desigualdades socialmente construídas entre os sexos. Leticia Nascimento (2021) conclui que a percepção da categoria mulher, a partir da categoria de gênero, passará a ser desenvolvida levando em conta contribuições demuitas feministas.

Simone de Beauvoir (1970) traz ao campo científico dos estudos feministas ede gênero a seguinte afirmação: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, tal desdobramento contribui para a pluralidade do que é ser “mulher”. Aplicada aos estudos feministas, a preposição de Beauvoir fundamenta que a noção de que gêneroseria uma construção social, permitindo- se uma visão além do determinismo biológicode gênero.

> O deslocamento para o conceito de gênero é importante para a história do feminismo, pois muitas feministas, em primeiro lugar, deixam de operar com a ideia universal e abstrata de mulher no singular. Além disso, abandonam a ideia de que todas as mulheres são oprimidas de forma homogênea e universal e passam a entender como os processos de opressão acontecem a partir de inúmeros marcadores e/ou condicionantes sociais e culturais. Não significa dizer que o machismo, o patriarcado e o sexismo não inflijam danos em “todas as mulheres”, mas é bastante pertinente compreender que essas relações de opressão são diversificadas. Por isso, insisto, a ideia de universalismo no feminismo é rasa e contribui para a inviabilização de algumas sujeitas, já que um entendimento universal não oferece condições concretas de análise crítica da realidade vivida pelas mulheres (NASCIMENTO, 2021, p. 33-34)

Tais apontamentos permitem compreender o gênero como performance,processo de produção dos corpos, do sexo, com base na pluralidade e na desconstrução do gênero, enquanto função social.

> O conceito de gênero, quer entendido como performance ou, de outro modo, como construção cultural, deve ser suficiente para haver mulheres transexuaise travestis no feminismo - afinal, não se nasce mulher, torna-se mulher. A questão que me parece limitante é: quem pode se tornar mulher? Ora, se apenas corpos com vaginas podem se tornar mulheres, não seria essa concepção uma essencialização de categorias tão marcadas pela cultura, pela história e pelas relações de poder como as mulheridades e feminilidades? Devoinsistir que o potencial conceitual e político da categoria gênero reside em operar em uma dessencialização e desnaturalização da identidade mulher como única possibilidade de constituição de sujeita dentro do feminismo. Dessemodo emerge, por exemplo, a categoria travesti em suas diversas expressões, desde travestis não binárias, mulheres travestis ou apenas travestis, como possibilidades de autodeterminação de nossas

> experiências de “outreridades” (NAS- CIMENTO, 2021, p. 42).

O transfeminismo surge no Brasil como uma linha de pensamento e ação feminista pensada e elaborada por travestis, pessoas trans e não binárias, questionando os estereótipos de gênero e criando estratégias de pertencimento ao movimento feminista. Koyama (2001) o definiu, simplesmente, como um movimento feito por e para mulheres transexuais, porém se busca uma definição que o compreenda “tanto como uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgênero que visa a transformação dos feminismos” (JESUS; HAILEY, 2010, p. 14).

O movimento estabelece um diálogo de corpos dissidentes da cisheterornmatividade com os feminismos, daí a ampla possibilidade de autodefinição.Assim, reconhece que muitas performances e experiências não escritas dentro do termo “muheridades” possa ser parte do feminismo, como as que reconhecem dentro das travestilidades (travestigeneridades) (NASCIMENTO, 2021, p. 42-43).

A transfeminista Aline de Freitas em seu texto “Ensaio de construção do pensamento transfeminista”, publicado em 2005, constitui-se com uma das pioneiras dopensamento trans-feminista no Brasil, em especial no trecho que segue:

> Nosso papel histórico deve ser construído por nós mesmxs. O transfeminismo é a exigência ao direito universal pela auto-determinação, pela auto-definição, pela autoidentidade, pela livre orientação sexual e pela livre expressão de gênero. Não precisamos de autorizações ou concessões para sermos mulheresou homens. Não precisamos de aprovações em assembléias para sermos feministas. O transfeminismo é a autoexpressão de homens e mulheres trans e cissexuais. O transfeminismo é a autoexpressão das pessoas andróginas em seu legítimo direito de não serem nem homens nem mulheres. Propõe o fim damutilação genital das pessoas intersexuais e luta pela autonomia corporal de todos os seres humanos. O trans- feminismo é para todxs que acreditam e lutampor uma sociedade onde caibam todos os gêneros e todos os sexos (FREITAS,2005, p. 1).

A construção literária e epistemológica do transfeminismo vem se estruturandoao longo da segunda metade do século XXI, a partir do ativismo social de travestis e transexuais, sendo a internet um dos principais meios de discussão e debates a respeito do tema. O trans-feminismo visa desnaturalizar o conceito de gênero dentro da estrutura social e oportunizar o acesso de mulheres travestis e transexuais nas discussões sobre gênero.Nesse sentido:

> Essa teimosia de algumas correntes feministas, em especial do feminismo radical, ou de feministas em particular, em considerar que apenas corpos com vagina podem se tornar mulheres, é uma limitação que precisa ser superada. Ademais, se a vagina determina o destino de um corpo como mulher, o que mais nos resta para lutar politicamente? Ser mulher é então um destino irremediável ao qual todos os corpos com vagina estão destinados. Dessencializar o gênero é tão importante para nós porque é na medida em que essa desnaturalização acontece que podemos perceber que outras sujeitas dentro das relações de poder fortemente marcadas pelo machismo, sexismo, patriarcado na sociedade vigente podem fazer parte do feminismo, como sujeitas legítimas de luta, experiência e produção conceitual. Nesse

> sentido, os processos de entrada de mulheres trans, travestis, transexuais e transgêneras no feminismo são uma das questões centrais do transfeminismo (NASCIMENTO, 2021, p. 43)

Todavia o transfeminismo surge da necessidade de pertencer ao movimento feminista como aliadas as discussões, por compreenderem as estruturas sociais que inavalidam a noção do gênero como construção social. Os conceitos de gênero e sexualidades estão além do determinismo biológico instituído como a lógica do poder pelo sistema colonial. de gênero, que opera para a desumanização de pessoas que estejam fora da hierarquia dicotômica baseada na diferenciação sexual. Desse modo,são invalidadas as vivências e experiências das mulheres travestis e transexuais que são vistas como imorais, abjetas devido à sua identidade de gênero oposta ao sexo biológico.

> Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos. Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que esta para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação a mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres. (JESUS, 2012, p. 31).

Gênero[1], sexualidade e identidade de gênero são conceitos diferentes, mas que dialogam entre si, constantemente. De acordo com Jesus, (2012, p. 12-13), gênero é a "classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres, que orienta papéis e expressões de gênero". Independente do sexo, a sexualidade [ii] é compreendida como uma

[1] A palavra gênero tem outros significados em português. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011), pode ser um conceito que engloba todas as propriedades comunsque caracterizam um grupo de dados ou classes de seres ou de objetos. Em biologia é categoria taxonômica que agrupa espécies relacionadas filogeneticamente. Nas artes e na literatura refere-se à classificação de obras com características similares. No plural, gêneros são mercadorias, produtos agrícolas, mercadorias, víveres. Popularmente "fazer o gênero" é procurar distinguir-se afetando a personalidade que lhe é própria. "Não faz meu gênero" significanão gostar, não ser do meu agrado. O dicionário traz outros significados do termo, mas não contém o sentido que lhe é dado a partir dos estudos feministas.

“classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais”.

Já a identidade de gênero é o

> (...) gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar como gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (JESUS, 2012, p.120).

A compreensão dos conceitos é de suma relevância para entendermos as diferenciações dos termos transexuais e travestis. Jaqueline Gomes de Jesus em seu texto “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, publicado em 2012, certifica-se que:

> Transexual **-** É um termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. **Homem transexual-** Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam trans homens ou Female-to-Male (FtM). Mulher transexual Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam trans mulheres ou Male-to-Female (MtF). **Travesti -** Pessoa que vivencia papeis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento. Transformista ou Drag.

As inúmeras contribuições aqui apresentadas irão nortear as discussões apresentadas a partir dos próximos capítulos, considerando ser importante essa breve introdução aos conceitos. Entretanto, a elucidação parte da estratégia de introduzir tais termos para compreensão das subjetividades aqui apresentadas. O termo travesti será usado neste trabalho como identidade política, por entender a necessidade de sua afirmação para mulheres negras que se constroem e se identificam como Travesti. É importante compreendermos que travesti não é insulto, travesti não é bagunça, travesti é identidade política construída nas esquinas e periferias brasileiras.

> O termo “travesti” é antigo, muito anterior ao conceito de “transexual”, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em umsentido pejorativo, como sinônimo de “imitação”, “engano” ou de “fingir ser o que não se é”. A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo, em grande parte, excluídas dasescolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo. Entretanto, é fundamental reforçar que nem toda travesti é profissional do

> sexo (JESUS,2012, p. 16).

São as travestis as protagonistas das discussões sobre gênero e identidade de gênero no Brasil, são elas que entre a exclusão e marginalização construíram e constroem mecanismos de sobrevivência. As questões de gênero precisam ser pensadas para além do binarismo de gênero, só assim vamos conseguir avançar sobre as questões sociais. Travesti não deverá ser mais sinônimo de prostituição, droga e entre coisas mais. Travesti é identidade política e deve ser representada e respeitada em todos os espaços da nossa sociedade.

O incômodo, a revolta e a vontade de construir um mundo diferente tem mobilizado pesquisadores das temáticas de gênero, raça e sexualidade a pensar novas possibilidades de desconstruir o gênero, pois só assim será possível a valorização da história do segmento de travestis para além dos saberes biomédicos.

2. Xica Manicongo a primeira travesti na história do Brasil

Neste capítulo, versarei sobre a história de Xica Manicongo, considerada a primeira travesti negra encontrada em solo brasileiro, resgatada pelo antropólogo LuizMott (1999), em concordância com a história do movimento social e político de travestis. Tal apontamento surge da necessidade de entender e compreender osurgimento histórico da primeira travesti encontrada em solo brasileiro em acedência com as narrativas do movimento social de travestis no Brasil, através do pioneirismo de Jovanna Baby (2021).

Para o levantamento das informações apresentadas a respeito do movimento social e político de travestis e compreensão das nuances que a história traz, recorri aolivro Bajubá Odara: Resumo Histórico do Nascimento do Movimento de Travestis no Brasil (2021) e o documentário Jovanna Baby: Uma Trajetória do Movimento de Travestis e Trans no Brasil (2020). As construções acerca da pesquisa aqui apresentada dialogam com os dispositivos de raça, gênero e sexualidade, sendo estes os principais marcadores sociais para compreensão da transfobia e do racismo estrutural, vivenciado pelas travestis e transexuais negras que será apresentado nesteestudo através do mapa de violência e assassinatos dos anos de 2017 a 2022 em paralelo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – Antra.

Dialogando sobre o impacto do racismo na vivência de travestis e transexuais negras, entendendo o fenômeno do racismo como uma estrutura social que marginaliza e invisibiliza os saberes travestis. Todavia é importante destacar a importância do movimento feminista negro no direcionamento das ações e estratégiasde sobrevivência desta população. Sendo as travestis e transexuais negras o centro desta pesquisa é de suma importância atrelar o conceito de interseccionalidadecunhado por Akotirene (2019), e que nos permite entender as articulações de eixos depoder e de discriminação que estruturalmente produzem opressão, desatacando os eixos de racismo, patriarcado e a estrutura de classe que dialoga com os pressupostosda necropolíticas instituída pelo Estado proposta por Mbembe (2018).

Símbolo de resistência e luta para comunidade LGBTQIA+, Xica Manicongo é considerada a primeira travesti não indígena no Brasil. Oriunda do Reino do Congo, chegou ao país no século XVI como pessoa escravizada. Vendida a um sapateiro, XicaManicongo foi registrada oficialmente como Francisco, mas recusou-se a adotar o nome masculino em português que lhe foi atribuído pelos escravistas, usando também o sobrenome Manicongo, que significa realeza do Congo. Sua resistência se expressava ainda no repúdio aos trajes masculinos que lhe eram impostos.

Apesar dos poucos registros históricos de pessoas transexuais no país, uma denúncia registrada aos tribunais do santo ofício em 1951 contribuiu para que a históriade Xica Mani-

congo fosse conhecida, uma vez que esta passou séculos praticamenteignorada, até que o antropólogo Luiz Mott, na década de 1990, buscou pesquisar e estudar a história dos chamados “sodomitas” no Brasil a partir da documentação inquisitorial encontrada no arquivo da Torre do Tombos, em Lisboa, Portugal.

Jaqueline Gomes de Jesus (2019), em seu artigo *Xica Manicongo: A transgeneridade toma a palavra*, contribui com informações precisas sobre Xica Manicongo e por tratar de uma pesquisa que busca a valorização dos saberes travestise sendo ela uma mulher travesti é de suma importância cita-lá.

> Havia na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, também, conhecida posteriormente como Cidade da Bahia ou simplesmente Salvador, então colônia de Portugal nos idos de 1951, uma africana do Congo escravizada e vendida a um sapateiro, a qual chamamos de Xica Manicongo. Coberta com um pano que prendia com o nó para frente, à moda dos [3]quimbandas de sua Terra Natal, e apesar de sua condição desumanizada, im- posta pelos homens brancos, os candangos, ela andava sobranceira por toda Cidade Baixa, às vezes subindo para a Cidade Alta e voltando, a serviço do seu senhor, ou só passeando, inclusive para encontrar os seus homens. Diz-se que Xica era conhecida por ser muito namoradeira. Mesmo no inferno da escravidão havia frestas, sempre escavadas pela gente negra (JESUS, 2019, p. 1-2).

Xica Manicongo viveu em sua época o que era permitido, lutou bravamente porsua liberdade com os recursos que tinha e, entre as encruzilhadas da cidade de Salvador, criou estratégias de sobrevivência e resistiu às inúmeras opressões, o que resultou em perseguição por não usar “vestimentas masculinas”.

> Matias Moreiras, havia saído de Lisboa e ao se deparar com Xica Manicongo nas ruas a interpelou e ordenou para que não usasse mais aquelas “vestimentas femininas” e passasse a usar “vestimentas de homem”. Xica Manicongo exalava personalidade, carisma e domínio total sobre seu território, o que resultou em sua decisão de não acatar a ordem. Deu-se, porém, a primeira visita da Inquisição, denominada visitação. O dito cujo estava tão incomo- dado que a denunciou à Igreja, e ela foi acusado do crime de sodomia, que não se restringia ao que hoje entendemos por homossexualidade ou transexualidade (JESUS, 2019, p. 3.)

> O código penal vigente à época era as Ordenações Manuelinas, que equiparavam a sodomia ao crime de lesa-majestade. A pessoa considerada culpada deveria ser queimada viva, em um ato de fé em praça pública, ter seus bens confiscados pela igreja católica e a infâmia sobre os seus descendentes até a terceira geração. Tachada pejorativamente como “quimbanda, membro de uma quadrilha de feiticeiros sodomitas” (QUIMBANDA DUDU, 2005, p. 27), O que se comenta é que Xica, para continuar viva, abriu mão de se vestir como lhe convinha e adotou o estilo de vestimenta tradicional para os homens da época... (JESUS, 2019, p. 3).

Para Nascimento (2021), as disputas de gênero e violências sofridas pelas mulheres transexuais e travestis estão presentes no decorrer da história do Brasil. Entretanto, as memórias, as vozes, os poucos registros históricos e escassos reconhecimentos

contribuíram para o esquecimento e apagamento da história domovimento de travestis e transexuais. É importante destacar que a história de XicaManicongo, como nos relata Jaqueline Gomes de Jesus (2019), é o ponto de partidapara a compreensão do processo histórico de travestis e transexuais negras no Brasil.

Entendo que o reconhecimento da história de Xica Manicongo fortalece a luta de mulheres travestis e transexuais negras que, assim como Xica Manicongo, ainda nos dias de hoje, lutam e resistem a toda uma opressão social sobre seus corpos e suas vivências. O encontro com a história de Xica Manicongo me possibilitou enquanto pesquisador, compreender as inúmeras camadas sociais em torno dos conceitos de masculino e feminino em nossa sociedade, pois, sendo eu um homem gay preto e atravessado pela ancestralidade, torna-se impossível não me aproximar deste lugar.

Recordo-me que ainda na infância, quando não percebia ser um homem gay, apontavam-me com tal. E esses apontamentos estavam diretamente associados à ideia de uma não performance ao gênero masculino. Com o tempo, essesatravessamentos foram ficando cada vez mais recorrentes. Era na escola, em casa porpreferir estar na companhia das meninas, por gostar de colorir e ver televisão, na igrejapor gostar de dançar e tudo isso foi criando em mim uma grande insegurança sobrequem eu era e estava me tornando.

Com o passar do tempo, ainda no contexto escolar, entres os diversos apelidosa mim atribuídos pela minha aparência, uma certa vez um colega de turma me chamoude *"Vera-Verão"*, fazendo associação ao meu jeito "doce" e aos meus lábios rosas. Naquele momento, percebi que jamais poderia me permitir ser associado a tal figura. Busquei na igreja uma forma de me libertar de uma possível maldição, uma vez que emminha comunidade ser gay era sinônimo de "fracasso".

Por muitos anos me permiti ser o que de fato nunca fui. Hoje maduro e consciente do meu processo, percebo o quão desumano é viver em uma sociedade que não respeita as diferenças e tudo, exatamente tudo, precisa partir de um lugar queatribua um certo sentido para o outro, mesmo este outro não sendo responsável por suas escolhas e vivências. Hoje, longe destes medos e inseguranças, vivo minha vida,e por mais difícil que seja, todos os dias busco me afirmar, bicha, bichinha, bambi, viado.

---

2 Manicongo era, originalmente, um título para governantes do Reino do Congo (Mwenwkongo, literalmente, Senhor do Congo), que foi transformado na corruptela que conhecemos pelos portugueses, para designar pessoas oriundas da região. (JESUS, 2019).

3 O termo é bantu, e significa, basicamente, "invertido", tendo adquirido também o sentido de "curador" e, posteriormente, para os umbandistas do século XX, referindo-se a um ramo de suaReligião (JESUS, 2019).

Entre o medo e a insegurança me permiti desconstruir a imagem de *Vera-Verão*que costumava me assombrar, pelas constantes chacotas ao qual fui submetido na escola. Em janeiro de 2023, foi me apresentado o espetáculo “Jorge para sempre verão” e foi entre lágrimas e lágrimas na poltrona do SESC - SANTANA/SP, que puderessignificar as veras e os verões que embalava a vida de Jorge Lafond e me reconhecer como uma grande vera-verão.

Jorge Lafond sendo herdeiro de Xica Manicongo cumpriu com êxito sua passagem por este plano, fazendo emergir novos verões. Toda minha complexidade éfragmento das que vieram bem antes e que me permitem ser uma gay preta, produtorde saberes e, acima de tudo, fiel as que me permitem estar aqui.

Xica Manicongo, Vera-verão, Beatriz Senegal, Josy Silva, Elza lobão, MoniqueDu Bavieur, Lacraia e tantas outras são e sempre serão minhas referências de luta, força, resistência, arte, beleza, carisma e inteligência, por eu entender que foram elas as responsáveis por abrirem o caminho pelo qual hoje consigo caminhar com um poucomais de dignidade. Que a sabedoria ancestral nos conduza aos encontros das águas e que em um futuro próximo as nossas não sejam mais as que mais morrem vítimas da transfobia em nosso país.

2.1. A história do nascimento do movimento de travestis no Brasil: uma análise a partir do pioneirismo de Jovanna Baby

As narrativas aqui apresentadas são fragmentos de anos de militância de Jovanna Baby Cardoso da Silva em prol do movimento social de travestis no Brasil. Para esta análise foram utilizados o documentário: [4]Jovanna Baby: Uma Trajetória do Movimento de Travestis e Trans no Brasil e o [5]Livro: Bajubá Odara: Resumo Históricodo Nascimento do Movimento de Travestis no Brasil (2021).

> “Eu sou baiana do município de Mucuri aqui no extremo sul da Bahia divisa com o estado do Espírito Santo e eu comecei a me prostituir a partir dos 13 anos, sofri todos os apuros que uma trans sofre” (Jovanna Baby, 2020)

[4] O documentário *Jovanna Baby: uma trajetória do Movimento de Travestis e Trans no Brasil,* produzido pelo Grupo Arco-íris e pelo Centro de Memória LGBTI João Antônio Mascarenhas e dirigido por Cláudio Nascimento e Marcio Caetano. https://www.youtube.com/watch?v=uy7FfY66YqM&t=10s

[5] Bajubá Odara: resumo histórico do nascimento do movimento social de travestis e transexuais no Brasil / Jovanna Cardoso da Silva, 2021. A presente publicação é resultado de anos de militâncias travestis dedicados ao Brasil (Jovanna baby, 2020).

Jovanna Cardoso, mulher negra, travesti e nordestina, nascida no distrito de Belo Cruzeiro, município de Mucuri, região do extremo sul da Bahia. Filha de Pastor Evangélico em uma família de nove irmãos, devido à sua identidade de gênero foi expulsa de casa muito cedo, passando a habitar as ruas capixabas com outras travestise mulheres cisgêneras e tendo a prostituição como principal fonte de renda. Jovanna Cardoso (2021), "embora fosse da rua que retirássemos o nosso sustento, para nós travestis, não era permitido andar livre- mente pelas ruas durante o dia, éramos alvo de zombarias e a noite batidas policiais constantes e violentas".

As constantes batidas violentas da polícia nos pontos de prostituição geravam nas travestis e prostitutas da época uma grande indignação e revolta por não serem percebidas enquanto pessoas de direitos, não obstante estivessem cercadas pelos seus direitos de ir e vir.

> Por ser amante de filmes, em fevereiro de 1979, decidi ir ao Cinema Santa Cecília, localizado no Parque Moscoso, uma área de concentração de prostitutas no centrode Vitória. Ainda na fila do cinema fui detida pela polícia capixaba simplesmente pelo fato de ser travesti, minha presença naquele espaço era uma afronta aos "bons costumes" ser travesti era sinônimo de vadiagem, não por acaso éramos enquadradas no artigo 59 da Lei N° 3688 de 1941, popularmente conhecida como"Lei da Vadiagem" (SILVA, 2021, p.18).

Em decorrência das perseguições policiais, Jovanna Baby (2021), relata terencontrado Bianca, uma mulher prostituta e portadora de deficiência, convocando as prostitutas para uma reunião às 16:00 nas Escadarias Maria Ortiz, no centro para tratardas perseguições policiais que estavam fora de todos os limites.

> Conforme convocação de Bianca compareceremos à Escadaria Maria Ortiz, a mesa iniciou a discussão sobre os ataques da polícia, todavia ela não sabia comocomeçaríamos esse movimento de prostitutas e travestis para amenizar osproblemas sofridos. Até que dentre as falas surge a ideia da criação de uma associação para defender os nossos interesses. Alguns nomes para esse movimento foram pensados e discutidos. Ao fim optamos pelo nome de "Associação Damas da Noite". A primeira diretoria foi composta da seguinte maneira: Bianca, Presidente; Eu, Vice-presidente; Kelly, Secretária; e as conselheiras Paulete Closet, Kelly Silva e Magaly Anjos. Finalizamos a reunião desse dia e já agendamos uma data para procurar o poder público e apresentarmo-nos como Movimento Social Organizado. (SILVA, 2021, p. 19).

Segundo Jovanna Baby (2021), através das articulações políticas das travestis e prostitutas, as investidas policiais nos pontos de prostituições diminuíram consideravelmente. A Associação Damas da Noite, por meio de suas representantes, assumiu o compromisso de colaborar com a manutenção da ordem em vias públicas e, assim, foi possível haver alguns anos sem a perseguição policial. A criação da "Associação Damas da Noite" tornou-se de grande importância para a construção do movimento social e político de travestis no Brasil. Jovanna Baby (2021) ressalta: "que foi com as prostitutas que aprendeu a importância de se organizar socialmente, sendoas prostitutas as pioneiras no que diz respeito à luta por direitos. Movida por novos desafios, Jovanna Baby, acompanhada de sua amiga Paulet Closet, decide

se mudar para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1983. Na ocasião passa a dividir residênciascom outras travestis no bairro boêmio da Lapa, conhecido também como o reduto da prostituição na cidade do Rio de Janeiro.

Jovanna Baby (2021) conclui que trabalhava na prostituição na Praça Tiradentes,Praça Mauá e na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, onde a truculência policial seguiada mesma forma como no Estado do Espírito Santo: perseguições, espancamentos, prisões de travestis em toda capital. Muitas vezes sendo presa e colocada em caminhões, ônibus superlotados e encaminhada para uma delegacia. Em uma certa tarde na Praça Cristiano Otonni no centro carioca, ela foi abordada por uma senhora denome Célia Sterenfeld, acompanhada de Gabriela Silva Leite, que a convidou para participar de uma reunião no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER). Sendo o Instituto Superior de Estudos da Religião, um importante aliado na prevenção e cuidado das doenças sexualmente transmissíveis, juntamente com subsídios do governo federal no cuidado a epidemia de HIV/AIDS (SILVA, 2021, p. 20).

As travestis e transexuais fizeram por muito tempo parte do movimento misto, instituído no Brasil através do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), porém não havia espaços para discussões sobre as travestis no segmento, ou seja, elas eram impedidas de participar das discussões.

Todavia, é importante destacar que a história do movimento de travestis e transexuais é muito recente e embrionária, e é a partir da década de 90, que travestis e transexuais reconhecem a importância e a necessidade de se organizarem socialmente em defesa dos seus direitos. Com a chegada da epidemia da AIDS, tornou-se necessário implementar ações governamentais em favor desses grupos, com o objetivo de prevenir a referida doença, bem como outras sexualmente transmissíveis. Destacamos, portanto, que desde a década de 1980 a epidemia da AIDS contribui parainúmeras campanhas sociais com financiamento público.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2018) em seu documentário conclui:

> A chegada da AIDS para as travestis foi muito dolorosa. Inclusive algumas travestis quando chegava a notícia que estava com AIDS, já estava morrendo, nãotinha nem tempo às vezes de fazer um processo de posto de saúde, de hospital,de médico. Quando se sabia que estava com AIDS já estava em estado terminalpraticamente, até gotas de creolina foi receitada para tomar 7 gotas cada um, quecurava a AIDS. Eu me lembro muito bem que várias amigas minha tomou e passou muito mal, vomitou, teve que fazer tratamento sério por problemas digestivos, tudo porque ficaram desesperadas. A AIDS foi como uma tempestadepara as travestis, principalmente para algumas que já tinham uma certa vontade de mudança de fazer um país mais igual, foram dizimadas. Hoje só tem eu e mais uma que estamos aí vivas e dói muito, porque acredito que se algumas pessoas de importância para causa, se a gente ti- vesse conosco até agora, estava muito melhor. A coisa tinha melhorado muito porque eram pessoas de extrema importância, chaves para luta contra a transfobia. **O HIV/AIDS não só provocoumudanças no campo da saúde, mas também gerou modificações nos movi-mentos sociais** (Jovanna Baby Cardoso da Silva (2018): Uma Trajetória do movimento de travestis e trans no Brasil).

Em meados de 1991 se intensificaram as informações e a busca por fortalecimento dos direitos das travestis junto as orientações e as reuniões queaconteciam mediadas pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER). Jovanna Baby Cardoso da Silva foi convidada a ser agente multiplicadora em uns dos projetos ao qual destacava a “Saúde na prostituição”, que tinha como foco divulgar as informações de prevenção entre prostitutas contribuindo para a garantia de direitos destas profissionais.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021, p. 20), ressalta:

> Aceitar o desafio de ser agente multiplicadora foi fundamental para que eu pudesseconhecer as outras travestis nos mais diversos pontos da capital carioca: Lapa, Glória, Centro, Copa- cabana, Ipanema, Jardim América, dentre outros. Em meados de 1991 passamos a realizar muitas reuniões para fortalecimento de nossos direitos e divulgação de informação de cuidado e prevenção às IST. Muitas travestis participavam dessas reuniões, mas aos poucos passei a identificar em algumas uma abertura maior para o diálogo e um forte engajamentopolítico, eram elas: Elza Lobão, Beatriz Senegal, Josy Silva, Monique Du Bavieure Claudia Pierre France.

Através das inúmeras articulações com o Instituto Superior de Estudos daReligião (ISER), Jovanna Baby propôs a suas companheiras a criação de uma associação que lutasse pelos direitos das travestis. Imediatamente todas concordarame através das articulações com o Instituto Superior de Estudos da Religião, foram organizadas reuniões semanalmente para consolidação da associação ao qual visavaa garantia dos direitos sociais das travestis. “Durante o processo de organização umaação arbitrária da polícia foi o suficiente para que as mesmas entendessem a importância de se organizarem socialmente. A Prefeitura do Rio de Janeiro determinouatravés do prefeito Marcello Alencar que a guarda municipal detivesse todas as travestis que fossem encontradas à noite do aeroporto Santos Dumont até Ipanema (SILVA, 2021, p. 23).

> Imediatamente marquei uma reunião na sede do projeto, a qual cerca de 70 travestis apareceram. Um advogado do Instituto Superior de Estudos da Religião(ISER) participou e nos garantiu que iria contatar um amigo dele do alto escalão da Polícia Militar para ver o que poderíamos fazer para barrar tal ação da prefeitura. Após o contato, o advogado nos repassou as orientações e nós seguimos fielmente. Jovanna, Elza, Beatriz, Josy, Monique e Claudia, planejaram de encontrar todas no ponto de prostituição onde a ação da prefeitura estava parainiciar, na Avenida Augusta Severo. Não demorou muito a Guarda Municipal chegou ao local, dirigimos a um orelhão próximo do qual ligamos para a Polícia Militar pedindo proteção, conforme combinado com o advogado. Cerca de dez a quinze minutos depois a PM chega também com ônibus, a essa altura também játinham algumas travestis detidas dentro do ônibus. Um dos oficiais da PM deu voz de prisão aos agentes da Guarda Municipal, visto que estes não tinham autonomia para realizações dessa natureza. As intensas reuniões no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), mobilizada por Jovanna Cardoso, Josy, Monique e Claudia, sendo essas as mais assíduas, devido a grande maioria das travestis trabalharem

> de noite e durante o dia muitas não conseguirem participar das reuniões. Preocupadas com os desdobramentos da iniciativa da prefeitura de perseguirem as travestis e os lugares de prostituição as mesmas convocaram todas as travestis para participarem das reuniões semanalmente, sempre às quartas-feiras na sede do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) (Jovanna Baby Cardoso da Silva, 2021, p. 21).

Jovanna Baby Cardoso da Silva ressalta que após a mobilização e ação de sensibilização nos pontos de prostituição compareceram 89 travestis na reunião do dia21 de janeiro de 1992, para a qual também fizeram questão de convocar a impressa. A repercussão foi tanta que gerou uma mobilização na Polícia Militar e uma servidora negra da corporação foi designada a acolher as demandas das travestis que seguiam sendo constantemente perseguidas pelo Estado, através das ações da Polícia Militare da Guarda Municipal. Toda a mobilização em conjunto com a imprensa contribui ainda para a criação da associação de travestis. Cabe destacar, que tal movimentaçãose dá a partir do entendimento da importância dos movimentos sociais frente às suas demandas ao poder público. Jovanna Baby Cardoso da Silva (2018), sublinha que foi no Espírito do Santo junto às prostitutas que ela aprendeu a importância de se organizar socialmente. E que foram as prostitutas as que abriram portas para que aprendesse a lutarem pelos direitos e que se compreendeu a grandeza da organizaçãosocial e política frente ao poder público.

2.2. O nascimento da Associação de Travestis e Liberados

No ano de 1992 as travestis e transexuais iniciam uma série de reuniões noInstituto Superior da Religião (ISER) que tinham como objetivo a criação de uma redenacional que proporcionasse uma articulação política dentro do cenário nacional. Em detrimento das constantes mobilizações sendo elas as mais assíduas nas reuniões:Beatriz Senegal, Josy Silva, Claudia Pierre France, Jovanna Baby, Elza lobão eMonique Du Bavier, perceberam a urgência de uma organização social e política queassegurasse os direitos das travestis, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021) se prontificou a marcar uma reunião no dia 15 de fevereiro para discutir a criação da associação e como já existia a associaçãodas Prostitutas da Vila Mimosa, convidaram Dorath Prado uma das diretoras para explicar o passo a passo. Contaram também com a presença do Dr. Rubens Martins, presidente do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), ao qual explicou questões legais como o estatuto, ata, registro no cartório e designou o Dr. Maurício Lisoviski para elaborar o estatuto, colocando Jovanna Baby como responsável pelas atas neste primeiro momento.

Em sequência foram discutidos o nome da associação; alguns foram colocados em

discussão e mediante as contribuições das participantes aos poucos ASTRAL[6] ganhou consenso. Jovanna Cardoso (2021), afirma que a intenção era que o nome passasse uma mensagem positiva, de que mesmo nos momentos difíceis poderiam manter o “bom astral”. Ademais, conclui-se que a sigla significa por extenso. “Associação de Travestis e Liberados”.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021, p. 23), pontua:

> A inclusão do termo “liberado” ocorreu pelo fato de que à época muitas travestis se identificavam como “Homens” durante o dia e a noite se “montavam” para se prostituir. Apesar de não assumirem uma identidade feminina, enquanto grupo social e polí- tico não queríamos deixá-las de fora. Além disso, o termo “Liberados”também contemplava transformistas e gays. Após o processo de criação da associação, foi marcada uma reunião no dia 15 de março a qual tinha como objetivo a formação da primeira mesa diretora. Jovanna Baby se dispôs ao cargo de Presidente e foi eleita e as demais companheiras foram se disponibilizando para os cargos subsequentes. Desta forma a diretoria foi eleita e efetivada. No dia 02 de maio foi apresentado o estatuto da associação e ata das reuniões anteriores que no momento foi elaborado pelo DR. Mauricio Lisoviski, advogado do ISER, sendo tudo lido e aprovado pelos presentes.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021) narra que o marco histórico da fundaçãodo movimento politicamente organizado aconteceu no dia 15 de maio de 1992, quando elas, Jovanna Cardoso, Elza Lobão, Beatriz Senegal, Josy Silva, Monique Du Bavier e Claudia Pierre France, deram entrada no cartório para efetivar o registro da ASTRAL, a primeira organização brasileira de travestis e transexuais. As pesquisas apontam que a Associação de Travestis e Liberados foi a primeira associação exclusivamente de travestis e liberados da América Latina e é bem provável que tenha sido de fato a primeira do mundo, já que as outras instituições, organizações se mantinham mistas com gays, lésbicas e travestis.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021, p. 23) ressalta:

> A nossa inscrição como pessoa jurídica no cartório contou inclusive com cobertura da mídia, tanto televisa como escrita. Ainda em maio, dia 29, fomos à Receita Federal nos inscrever no antigo “CGC”, hoje Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). Foi assim que construímos esse momento histórico de surgimento do movimento social politicamente organizado de travestis e transexuais um resultado da nossa resistência as violências e perseguições policiais e da nossa insatisfação com o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) que não representava.

A importância da organização política das travestis para elaboração de políticas públicas é fundamental para que se assegurem os seus direitos básicos. A Associação de Travestis e Liberados foi um importante instrumento de justiça social na cidade do Rio de Janeiro, por pensar e construir estratégias de fortalecimento para o segmento de travestis e transexuais.

A Associação de Travestis e Liberados (doravante - ASTRAL) tornou-se uma ferra- menta de construção de políticas públicas para travestis na cidade do Rio de Janeiro a notoriedade foi tamanha que os órgãos governamentais, passaram a reconhecer as ações

das ASTRAL como benéficas para o enfrentamento da epidemiado HIV/AIDS no Brasil.

2.3. As ações da Associação de Travestis e Liberados

No ano de 1993, a ASTRAL, primeira associação exclusivamente de travestis noBrasil, iniciou suas ações na cidade do Rio de Janeiro, ações às quais tinham como objetivos os direitos civis e a saúde da população de travestis brasileiras.

> Em janeiro de 1993, a ASTRAL organizou o “1° Seminário sobre Prostituição e Direitos Civis” na sede o Instituto Superior de Estudos da Religião na glória com participação de autoridades da área da saúde e dos direitos civis do Rio de Janeiro, 45 pessoas participaram. Após o reconhecimento pelo seminário como também os elogios pela iniciativa em junho do mesmo ano, aconteceu o “1° Encontro Estadual de Travestis do Rio de Janeiro". A notícia do encontro logo se espalhou pelo Brasil e lideranças sociais de outros estados se interessaram em participar e assim o encontro contou com a participação do estado do Paraná, SãoPaulo, Minas Gerais e Espírito Santo (SILVA, 2021, p. 23).

Provavelmente, durante a realização do evento, com a participação de outros estados foi sugerido que se transformasse a abrangência do encontro para nacional, sendo renomeado para: I Encontro Nacional de Travestis e Liberados (doravante - ENTAL).

> Em 1993 aconteceu o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam naPrevenção da AIDS. O encontro tinha como objetivo específico discutir formas deprevenção para travestis, sendo as mesmas tirado do bojo geral e recebendo a devida atenção para o enfrenta- mento da epidemia da AIDS e doenças oportunistas. O Encontro Nacional de Travestis que atuam na prevenção da AIDS - (doravante - ENTLAIDS) foi de suma importância para visibilidade da comunidade de travestis, campanhas de cidadania, respeito e inclusão dasmesmas no meio social foram criadas, passou a se ter um olhar mais cuidadosa para travestis (SILVA, 2021, p. 23).

O ENTLAIDS se transformou em uma estratégia de sucesso nas discussões e articulações dos movimentos de travestis no Brasil. Sendo uma política pública criadapor uma travesti e pensada para travestis brasileiras. A fundação da ASTRAL e posteriormente as mobilizações para realização dos Encontros Nacionais de Travestise Liberados que atuam na Prevenção da AIDS- ENTLAIDS, possibilitou que mais organizações sociais institucionalmente surgisse pelo Brasil em diversas regiões do país (SILVA, 2021, p. 20)

Demarco assim, a relevante contribuição social e institucional da ASTRAL para o movimento politicamente organizado por travestis. Elenco algumas organizações da década de 1990 as quais podem ser consideradas precursoras em um momento em que não se tinha projetos, apoio financeiro e, ainda assim, mulheres estavam à frente da luta pela garantia de direitos e justiça social. São elas:

> Associação de Travestis e Liberados – ASTRAL 15/05/1992. Idealizadoras Fundadoras: Jovanna Cardoso (primeira presidente), Elza Lobão, Beatriz Senegal, Josy Silva, Monique Du Bavier e Claudia Pierre France. Associação de Travestis do Parána – Grupo Esperança 18/02/1994. Idealizadora Fundadora: Lisa Minelly. Associação de Travestis de Brasília – AS- TRAVEB 15/05/1994. Idealizadora Fundadora: Lorem Grouber e Vanessa Siebra**.** Associação de Travestis de Santo André – Grupo Tulipa 17/01/1995. Idealizadora Fundadora: Adriana Tulipa. Associação de Travestis de Salvador – ATRAS 19/06/1995. Idealizadora Funda- dora: Keila Simpson. Associação de Travestis da Baixada Santista – Grupo Filadélfia 09/10/1995**.** Idealizadora Fundadora: Indianarae Siqueira. Travestis de Colônia do Piauí/ MO- PAC 15/07/1997. Idealizadora Fundadora: Kátia Tapety Associação de Travestis de Belo Horizonte – ASTRAV/BH 12/12/1999**.** Idealizadora: Pocina D'Alessandro (SILVA, 2021, p. 27).

Aconteceu no ano de 1995 na capital carioca o III Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam em Prevenção a AIDS – ENTLAIDS, e que se repetiu nos anos posteriores, mobilizado pela Associação de Travestis e Liberados – ASTRAL.Em 1997 o V ENTLAIDS ocorreu na cidade de São Paulo organizado pelo Grupo Filadélfia de Santos (SP). Após este encontro o ENTLAIDS ganhou proporção nacionale o movimento social de travestis foi crescendo a cada ano. O ENTLAIDS foi um importante instrumento de criação e construção de políticas públicas no que tange às questões de saúde. O legado dos ENTLAIDS se perpetua até os dias de hoje, entretanto em outros formatos.

2.4. O movimento homossexual brasileiro

O movimento homossexual surge no Brasil na segunda metade dos anos de 1970. O termo movimento homossexual é entendido como conjunto de associações eentidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas como o objetivo de defendere garantir direitos relacionados à livre orientação sexual, pautando-se o movimento naarticulação de políticas coletivas para o grupo apresentado.

As travestis e transexuais não eram representadas dentro do movimento socialе Jovanna (2021) afirma que o termo mais comum e utilizado era GLS que significava:“Gays, lésbicas e Simpatizantes” e MHB “Movimento Homossexual Brasileiro”, termo esse que invisibilizava as identidades “t”, como já dito.

Desde os anos de 1980, o Movimento Homossexual Brasileiro promovia encontros, entretanto foi na década de 1990, com a ascensão dos movimentos sociaise apoio a livre expressão, sexual que surge no Brasil uma forte onda de articulação política, cujo intuito era respeitar a liberdade sexual. Nesse sentido, o “Nome Social" já era uma demanda do movimento social de travestis desde a fundação ASTRAL, luta que as travestis já travavam desde meados da década de 1990.

Jovanna Baby Cardoso da Silva (2021, p. 29) afirma que:

> Por isso enfatizo que o que chamamos de “nome social” já era uma demanda do movimento social de travestis desde a fundação da ASTRAL e uma discussão recorrente nos primeiros ENTLAIDS. Destaco também que realizamos reuniões com o deputado Fernando Gabeira e com as deputadas Heloneida Studart, Jurema Batista e Cida Diogo e com outras lideranças políticas tanto do legislativomunicipal e estadual do Rio de Janeiro, como do Federal.

Contudo, a conquista do nome social só foi possível em 2018, mas vale destacar a importância do movimento social das travestis, sobretudo da ASTRAL, umavez que mesmo sem o entendimento na época de que ser travesti e transexual é umaidentidade de gênero feminina, já percebiam a importância de serem reconhecidas comos seus nomes no feminino. Jovanna Cardoso (2021), evidencia que durante o 3° Encontro Nacional de Travestis no Hotel Guanabara na Candelária no Centro do Rio deJaneiro com participação de 250 travestis de todo o Brasil. Foi colocado em votação apossibilidade de criação de uma Rede Nacional de Travestis e Liberados - (doravante - RENTRAL) que foi aceita por unanimidade, posteriormente virou Rede Nacional deTravestis – (doravante -RENATA). Logo depois, no ano de 1997, surge então a Articulação Nacional de Travestis, cujo objetivo era promover diálogos rápidos com lideranças de todo o país. Articular aproximações com o poder público, reivindicar questões como a empregabilidade e garantia física nos pontos de prostituição de travestis e transexuais do Brasil. Esta última foi uma das primeiras reivindicações do movimento social de travestis. Jovanna Baby Cardoso da Silva, coordenou a RENTRAL/ RENATA e presidiu a ANTRA de 1998 a 2000 e, posteriormente, voltou a presidir a ANTRA de 2009 a 2011.

Jovanna Cardoso (2021), afirma que no decorrer deste processo inúmeras coisas aconteceram com as quais ela não concordava, o que resultou em seu afastamento do movimento por 05 anos. Em 2005 a convite de Keila Simpson para participar do ENTLAIDS, Jovanna Cardoso, ficou surpreendida com o apagamento domovimento social de travesti, ela relata que ao chegar, ninguém a reconheceu e nem sequer tinha ouvido falar seu nome.

Ao adentrar a história do movimento social de travesti no Brasil é possível perceber que existem diversas vertentes e apontamentos sobre sua construção. O quechama atenção neste processo é a tentativa do apagamento das travestis na construção do que hoje entendemos como LGBTQIAPN+. As travestis não tinham representatividade dentro dos movimentos, entretanto sendo preciso a criação das associações de travestis para compreensão das demandas desta população.

2.5. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA

A Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (doravante

ANTRA), atualmente a associação mais importante de travestis e transexuais do Brasil, surge em dezembro de 2000, na cidade de Porto Alegre, com aproximadamente vinte e oito instituições de todo o Brasil para sua fundação. É uma rede que articula emtodo o Brasil mais de 200 instituições, a fim de desenvolver ações para a promoção dedireitos e o resgate da cidadania da população de travestis e transexuais (ANTRA, 2006).

> No ano de 1993, com a realização do primeiro Encontro Nacional de Travestis – ENTLAIDS, na cidade do Rio de Janeiro, começamos a discutir a importância dacriação de uma rede nacional que agregasse essas pessoas. Inicialmente, foi fundada a Rede Nacional de Travestis – RENATA, mas para se tornar ainda maisinclusiva, houve uma nova mudança, desta vez para Rede Nacional de Travestise Liberados – RENTRAL. Até 2000, na cidade de Porto Alegre, é instituída a Articulação Nacional de Transgênero (ANTRA). E anos depois, renome- amos a sigla ANTRA, utilizada até hoje (Keila Simpson, Presidenta ANTRA) (SILVA, p, 2021).

A ANTRA trabalha a fim de:

> mapear, produzir estudos e denunciar nas instancias cabíveis os assassinatos de pessoas Trans no Brasil, bem como cobrar soluções desses crimes; promover campanhas informativas e apresentar propostas a fim de garantir o direito das travestis e transexuais; colaborar em todos os níveis com outras redes que trabalham com direitos humanos, a fim de desenvolverem trabalhos conjuntos, intercambiando experiências nas áreas de atuação de cada uma; Denunciar e promover a divulgação, em todos e qualquer caso onde for detectado preconceitoe ou discriminação por identidade de gênero; Ter por princípio apoiar toda e qualquer ação de prevenção do HIV/Aids, Hepatites Virais e outras DST em todosos seus aspectos e âmbitos; Ter por princípio apoiar toda e qualquer ação de prevenção do HIV/Aids Hepatites Virais e outras DST em todos os seus aspectose âmbitos; Apoiar as ações que visem a melhora da qualidade de vida das pessoas vivendo e convivendo com HIV/Aids; Atuar diretamente na incidência política e na criação de climas e ambientes favoráveis para Travestis e transexuais; Incentivar e apoiar a realização de Encontros Nacionais de Travestis e Transexuais para potencializar as bandeiras de lutas e encaminhar as demandas de suas afiliadas (ANTRA, 2006).

No ano de 2016, a ANTRA[7] iniciou o trabalho de mapeamento dos assassinatos de pessoas Trans no Brasil e o transformou em um relatório contendoas informações sobre o perfil das vítimas, gênero, raça e classe social em que se encontravam a maior parte das pessoas que foram assassinadas. Neste sentido, foifeito uma análise de acordo os dados do trabalho de mapeamento dos assassinatosde pessoas Trans no Brasil, cujo intuito é entender a conjuntura atual das pessoas transexuais e travestis negras no Brasil, tendo em vista que as principais vítimas deracismo e transfobia são as pessoas negras.

> O mapa tem o principal objetivo de denunciar o aumento dos casos de violência e violação dos Direitos Humanos contra a população de Travestis e Transexuais que tem reafirmado a posição do Brasil como o país que mais mata travestis e transexuais do mundo. De acordo com a ONG Transgender Europe, citada no The New York Times, o Brasil é o pior país para ser LGBTI. Com o mapeamento pretendemos denunciar a omissão do Estado frente a

> estes mesmos dados, quandoeste não faz um levantamento efetivo destes assassinatos, ignorando os índices alarmantes que aumentam a cada ano (ANTRA, 2016).

A ANTRA vêm desempenhando articulações nacionais e internacionais, partindodo princípio das violações dos direitos das pessoas transexuais e travestis no Brasil. Destacando a alta vulnerabilidade social que esta população se encontra, uma vez queo Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundoe sendo as travestis negras as que mais morrem vítimas da transfobia. Entende-se neste sentido a transfobia como uma estrutura social que contribui para o alto índice de mortalidade com requinte de crueldade. Não basta matar essas mulheres, é precisoridicularizar, humilhar, difamar, arrancar destes corpos toda a humanidade.

Mulheres transexuais e travestis sofrem hoje no Brasil uma marginalização compulsória, enfrentando dificuldades em quaisquer ambientes em que se inserem. Para visualizarmos melhor a dimensão desta situação, basta olhar para a expectativa de vida das travestis e transexuais, a qual gira em torno dos 35 anos, ao passo que a expectativa de vida de um brasileiro médio é 76,6 anos segundos dados de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2019).

Para visualizarmos melhor as condições das pessoas travestis e transexuais noBrasil foi preciso recorrer aos dados da Antra a qual colabora em grande escala para compreendermos a real situação das travestis e transexuais em nosso país, em específico as Travestis Negras que são o foco principal deste trabalho. Os dados são de inteira responsabilidade da ANTRA e para percebermos como os mesmos evoluíram, apresentamos o período entre de 2017 a 2022.

2.6. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2017

De acordo com a (Antra) no ano de 2017, ocorreram 179 assassinatos de pessoas Trans, sendo 169 Travestis e Mulheres Transexuais[8] e 10 Homens Trans[9]. Destes casos, apenas 18 tiveram os suspeitos presos, o que representa 10% doscasos. A Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp), destaca que dos assassinatos no Brasil, entre os concluídos, 96% foram arquivados. E somente 4%resultaram em denúncias.

O relatório evidencia que 7 casos foram ignorados pela pesquisa por não haverprovas suficientes sobre os assassinatos sendo: 2 assassinatos de pessoas Trans brasileiras ocorridos no exterior, 1 caso onde não foi possível confirmar a identidade de gênero da vítima; 1 atropelamento acidental, onde a vítima foi encontrada em um local abandonado, sem sinais de violência; 1 caso onde a vítima foi encontrada mortadentro de sua casa, sem sinais de

violência ou arrombamento; e 1 caso onde a vítimafoi identificada sendo travesti, no entanto a própria matéria diz que se tratava de uma mulher cisgênero mãe de dois filhos.

Os dados não seguem um padrão, uma vez que o levantamento é feito a partirde pesquisas em matérias de jornais e mídias sociais vinculadas à internet. De forma manual, individual e diária (ANTRA, 2016), pois muitos casos não são notificados aosveículos de comunicação e poucos são os investigados pelo sistema de justiçabrasileiro, evidenciando um descaso na identidade de gênero das vítimas e do uso donome social.

> As mortes são arrancadas de pedaços de jornais, nos quais são expostas em curtas linhas informativas com início, meio e fim, que fecham uma condição na ocasião de quando aconteceram, inclusive em seus nomes masculinos. Os jornais afirmam caricaturas das assassinadas (MARTINS, 2017).

De acordo com a ANTRA (2018), em números absolutos o estado de Minas Gerais foi o que mais matou a população trans, com 20 assassinatos. Em seguida vem a Bahia, com 17 casos, São Paulo e Ceará, com 16, Rio de Janeiroe Pernambuco, com 14.

O Paraná com 8 Crimes, Alagoas, Espírito Santo, Pará com 7, Mato Grosso, 6, Amazonas, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, com 5, Tocantins, com 3. O Distrito Federal, Ma- ranhão, Mato Grosso do Sul e Sergipe somam duas mortes cada.E uma morte ocorreu no Acre, Piauí, Rio Grande do Norte e Roraima. A partir desta análise foi possível identificar que em todos estados da federação ocorreram mortes depessoas trans, dados este que corrobora para estimativa de que a cada 48h uma pessoa trans é assassinada no Brasil e que a idade média das vítimas dos assassinatos é de 27,7 anos.

Dos 179 assassinatos notificados em 2017, 7 não constam dados sobre o tipo de ferramenta/meio usado para cometer o assassinato**.** Dos demais casos, 52% foramcometidos por armas de fogo, 18% por arma branca e 17% por espancamento, asfixia e/ou

[8] **Travestis:** Pessoas identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e tem expressão de gênero feminina, mas não se reivindicam como mulheres da forma como que o ser mulher está construído na sociedade (ANTRA, 2019).
Mulheres Transexuais: Pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e se reivindicam como mulheres (ANTRA, 2019).

[9] **Homens Trans:** São aquelas pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero feminino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero masculino e se rei- vindicam como homens (ANTRA,2019).

estrangulamento. Conta ainda alta incidência de mais de um meio como oassassinato foi praticado. É notório nesta prática crimes por requinte de crueldade.Estima-se que cerca de 80% dos assassinos não tinham relação direta com à vítimapor serem clientes em potencial daquelas que trabalhavam como profissionais do sexo.

A vítima mais jovem noticiada tinha 16 anos e a mais velha 53 anos. O mapa ressalta que os índices mais altos de assassinatos da população Trans, estãodiretamente relacionados às questões etárias. Estando as Trans mais jovens suscetíveis a violência e a mortalidade. Ao contrário das pessoas que ultrapassam a estimativa de vida, veem possibilidade de serem assassinadas ou diminuídas ao longode suas vidas. As questões de gênero se reforçam no contexto da violência edemonstram que 94% dos assassinatos foram contra pessoas do gênero feminino (169 casos).

O contexto de vulnerabilidade social, corrobora para marginalização das travestis, uma vez que de acordo com os dados levantados pela ANTRA, 90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido à dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e à deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social e familiar e escolar. Vemos ainda que 70% dos assassinatos foram direcionados àquelasque são profissionais do sexo. 55% deles aconteceu nas ruas. Das vítimas identificadasneste relatório 80% dos casos são de pessoas Trans negras e pardas, o que aponta para operação do racismo estrutural no contexto das vulnerabilidades sociais, uma vezque este grupo em específico sofre as consequências do racismo em todos osambientes que se inserem

2.7. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2018

A ANTRA (2019)[10] confirma que houve um aumento da subnotificação dos casos; no total ocorreram 163 assassinatos de pessoas trans, sendo 158 travestis e mulheres transexuais, 4 homens trans e 1 uma pessoa não-binária. Destes, apenas 15casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos.

> Em primeiro olhar, observa-se que o número de casos noticiados pela mídia é inferior ao ano de 2017, que em uma primeira análise, sugere diminuição no número dos assassinatos de 179 (em 2017) para 163 (em 2018). Porém, na análise mais profunda destes mesmo dados, vemos um dado importante, que elucida a questão e traz um questionamento sobre o au- mento da quantidade decasos não notificados pela mídia, em cerca de 30%, elevando assim o índice de subnotificação, sendo que em 2017 foram 34 casos não notificados, contra 44 em2018. Deste modo, deixa-se uma pergunta sobre o que de fato vem acontecendocom estes números, quando fica expresso que a não vinculação destes assassinatos evidencia que houve queda real. Visto que, se fossem publicados, osdados seriam ainda maiores. Portanto, percebe-se que não houve uma queda nonúmero dos casos, mas um aumento no

> número de subnotificações, em relação aos casos publicados (ANTRA, 2018).

O Rio de Janeiro foi o estado que mais matou pessoas trans no ano de 2018, com 16 assassinatos. Em seguida Bahia, com 15 casos, terceiro ficando São Paulo com 14 casos, em quarto lugar o Ceará, com 13 assassinatos e ocupando a quinta posição o Pará com 10. Minas Gerais que no último relatório liderava o ranking com 20assassinatos aparece com 9, Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso 8, Pernambuco, 7 e o Rio Grande do Norte, Goiás, Espírito Santo e Amazonas com 6 casos. Sergipe e Paraíba com 5, Santa Catarina 4, Maranhão e Alagoas 3, Piauí, MatoGrosso do Sul e o Distrito Federal com 2 mortes e Tocantins e Roraima e Rondônia com 1 assassinato.

Conforme a ANTRA (2018), novamente a maior concentração dos assassinatosforam contabilizados na região nordeste com 59 assassinatos (36,2% dos casos), seguido da Região Sudeste com 45, Sul com 20, Norte 19 casos e Centro Oeste com
18. As regiões do Sul e Centro Oeste apresentaram aumento em relação ao ano de 2017. Dos 163 assassinatos notificados em 2018, em 06 notícias não constam dados sobre o tipo de ferramenta/meio utilizado para cometer o assassinato. Dos demais casos, 53% foram cometidos por armas de fogo, 21% por arma branca e 19% por espancamento, asfixia e/ou estrangulamento.

A vítima mais jovem noticiada em 2018 tinha 17 anos e a mais velha 49. O mapados assassinatos aponta que 60,5% das vítimas tinham entre 17 e 29 anos, caindo para 29,1% aquelas entre 30 e 39 anos, 10,5% entre 40 e 49 anos. Diante dos dados,analisados conclui-se que a estimativa de que a idade média das vítimas dos assassinatos em 2018 é de 26,4 anos – mostrando uma queda em relação ao ano anterior, confirmando os dados de quanto mais jovem, mais exposta e propensa aos assassinatos as pessoas Trans estariam. Não foi possível identificar a idade em 76 casos, e houve um aumento na subnotificação de idade das vítimas em 7 casos em relação ao ano de 2017. As questões de gênero se reforçam e demonstram que 97,5%(aumento de 3% em relação ao ano de 2017) dos assassinatos foram contra pessoastrans do gênero feminino (158 casos).

Nos dados levantados pela ANTRA, 90% da população de travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido à baixa escolaridade provocada pelo processo de exclusãoescolar, gerando uma maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho foram e deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social. O relatório apontaque 65% dos assassinatos foram direcionados aquelas que são profissionais do sexo 60% deles aconteceram nas ruas. O que denota ódio às prostitutas, em um país que ainda não existem leis que regulamentem a prostituição, que, apesar de não ser crime, sofre um processo de criminalização e é constantemente desqualificada por valores sociais pautados em dogmas religiosos que querem manter o

controle dos seus corpose do que fazemos com eles. As pessoas negras e pardas seguem no ano de 2018, sendo 82% dos casos que foram identificados. Permanecendo a manutenção do racismo nas práticas de assassinatos de pessoas Trans no Brasil.

2.8. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2019

De acordo com a ANTRA (2020), em 2019 foram identificados 124 assassinatos de pessoas trans, sendo 121 travestis e mulheres transexuais e 3 homens trans. Destes, apenas 11 casos tiveram os suspeitos identificados, o que representa 8% dos dados, e apenas 7% foram presos. Em números absolutos, São Paulo foi o estado que mais matou a população trans em 2019, com 21 assassinatos, contando com o aumento de50% dos casos em relação a 218; seguindo do Ceará, com 11 casos; Bahia e Pernambuco, com 8; Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, com 7 casos cada; eGoiás com 6 casos. Amazonas, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraíba aparecem com 5 casos cada; Espírito Santo, Pará e Rio Grande do Norte com; Alagoas, Rondônia e Tocantins com;2 e 1 caso em Mato Grosso do Sul. Nos estados de Roraima, Sergipe e Piauí não foram notificados nenhum caso.

A maior concentração dos casos de assassinatos permanece como nos anos anteriores na região nordeste, com 45% assassinatos (37% dos casos), seguida da região sudeste, com 37 (30%, Sul; com 14 (11%); norte, com 14 (11%) casos; e CentroOeste, com 12 (10%) assassinatos. Em 2019, a região sudeste apresentou aumento de 10,8%. Em 2017, 2018, e 2019, foram totalizados 466 assassinatos no Brasil. No ranking por estado, levando em consideração dados absolutos, São Paulo, com 51 casos, aparece em 1°; em 2° estão a Bahia e o Ceará, com 40 casos. O Rio de Janeiro,com 37, está na 3° posição; Minas Gerais em 4°, com 34 e, em 5°, está o estado de Pernambuco, com 28 assassinatos, sendo estes os estados que mais assassinaram pessoas trans no Brasil nos últimos três anos e que somados correspondem a 49,5% dos casos.

As questões de gênero se reforçam e demonstram que 97,7% dos assassinatos foram contra pessoas trans do gênero feminino (121 casos), enquanto, para pessoas cisgéneros, de acordo com o Atlas da Violência 2019, essas taxas variam entre 91,8% dos homicídios intencionais para o gênero masculino e 8% para o gênero feminino. Conclui-se que para pessoas cisgéneros, a maioria dos assassinados pertencem ao gênero masculino, enquanto pessoas trans, a maioria são do gênero feminino.

No ano de 2019, o Mapa dos Assassinatos conclui que 59,2% das vítimas tinhamentre 15 e 29 anos; 22,4% aquelas entre 30 e 39 anos; 13,2% entre 40 e 49 anos; 3,9%. No ano de 2018 a vítima mais jovem noticiada tinha 17 anos. E, 2019, 15 anos de idade**,** vendo- se uma queda em 2 anos do momento em que muitas pessoas Transpassam a estar suscetíveis ao

assassinato. Neste ano, 82% dos casos identificados como sendo pessoas pretas e pardas, explicitando, ainda mais os fatores da desigualdade racial nos dados de assassinatos contra pessoas Trans. Sendo a população negra com maiores chances de ser assassinada.

Ainda na pesquisa do ano de 2019 as mulheres travestis e transexuais seguemtendo a prostituição como a única fonte de renda. Uma vez que apenas 4% da população Trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidades de promoção e progressão de carreira de acordo com dados levantados pela ANTRA. Deigual modo, vemos que apenas 6% estão em atividades informais e subempregos. Mantém-se aquele que é o dado preocupante: 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda.

.

2.9. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2020.

Não foram identificados casos de pessoas trans assassinadas em 2020 com mais de 60 anos. Sendo a média de idade das vítimas de 29,5 anos. E tendo como morte prematura de jovens (15 a 29 anos). Em consonância com (ANTRA,2021), ano de 2020[11] (ANTRA), identificou 175 assassinatos de pessoas Trans, sendo todas travestis e mulheres transexuais. Não foram encontradas informações de assassinatos de homens trans ou pessoa trans masculina nesta pesquisa.

Em números absolutos, São Paulo foi o estado que mais matou a população trans em 2020, com 29 assassinatos, contando com aumento de 38% dos casos em relação a 2019 – segundo aumento consecutivo, já que, em 2019, houve aumento de 50% em relação a 2018; seguido do Ceará; com 22 casos, que aumentou em 100% onúmero de assassinatos em relação a 2019; Bahia, com 19 e aumento de 137,5% emrelação a 2019; Minas Gerais, que saiu de cinco casos para 17; e o Rio de Janeiro se manteve na 5ª posição, indo de sete casos para em 2020 – aumento de 43%; Alagoas, com Progressão Bimestral oito assassinatos; Pernambuco e Rio Grande do Norte comeRN com sete casos cada; Paraíba, Paraná e Rio Grande do Sul com cinco; Goiás, MatoGrosso, Pará e Santa Catarina com quatro; Amazonas, Espírito Santo, Maranhão e Rondônia, com três; Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Piauí e Sergipe, com 2 casoscada; e Acre, Roraima e Tocantins com um assassinato cada. Não foram encontradoscasos reportados na mídia no Amapá.

Reafirmando o gênero como um fator determinante para essas mortes. Dentreos 109 casos em que foi possível identificar a idade das vítimas, 61 (56%) das vítimastinham entre 15 e 29 anos; e 31 (28,4%) das vítimas tinham entre 30 e 39 anos; 8
(7,3%) entre 40 e 49 anos; e 9 (8,3%) entre 50 e 59 anos. Não foram encontrados homicídio.

ANTRA 2020 destaca um crescimento alarmante nos registos de assassinatos de

pessoas trans, enquanto o Brasil enfrentava a pandemia do Coronavírus, o númerode casos para o ano aumentou de 40 para 60 registos entre janeiro e fevereiro de 2022.Entre maio e junho passaram de 66 para 100 casos, aumento este muito expressivo. No quarto bimestre contabilizaram 132 assassinatos. E no quinto, avançaram de 132 para 149 assassinatos. Por fim, no último bimestre fomos de 149 para 175 assassinatos.

As maiores chances de uma pessoa trans ser assassinada estão entre 15 e 29anos, 15 anos foi a idade com que a mais jovem adolescente trans foi assassinada em2020. Em 2020, 71% dos assassinatos aconteceram em espaços públicos, tendo sidoidentificado que pelo menos 8 vítimas se encontravam em situação de rua. Também foi identificado que pelo menos 72% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo, que são as mais expostas à violência direta e vivenciam o estigma que os processos de marginalização impõem aessas profissionais. Em 2020, dentre os casos analisados pela pesquisa é possível perceber que 78% eram travestis/mulheres trans negras – pretas e pardas (de acordocom o Estatuto da Igualdade Racial).

2.10. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em2021

De acordo com a ANTRA (2022), no ano de 2021 houve, pelo menos, 140 assassinatos de pessoas trans, sendo 135 travestis e mulheres transexuais, e 05 casos de homens trans e pessoas trans masculinas. Não foram encontradas informações deassassinatos de pessoas não binárias em nossas pesquisas no referido ano.

São Paulo foi o estado que mais matou a população trans em 2021, com 25 assassinatos, se mantendo no topo do ranking pelo terceiro ano consecutivo; seguidoda Bahia, que saiu da terceira posição para a segunda, com 13 casos; Rio de Janeiroem terceiro, que au- mentou de 10 casos em 2020 para 12 em 2021, e o Ceará teve 11 assassinatos ficando na quarta posição; Pernambuco em quinto com 11 casos, subindo duas posições em relação ao ano anterior quando teve 7 casos. Minas Geraiscom 9 assassinatos; Goiás e Paraná com 7, e o Pará com 6 notificações; Amazonas, Maranhão e Rio Grande do Sul com 4 casos cada; Espírito Santo, Mato Grosso do Sule Mato Grosso com 3 casos; Alagoas, Amapá, Paraíba, Piauí e o Distrito Federal com2 casos cada; e o Acre, Rio Grande do Norte, Rondônia e Sergipe com 1. Não foram encontrados casos reportados em Roraima e Tocantins.

O Mapa dos Assassinatos 2021 aponta ainda que 5 (5%) das vítimas tinham entre 13 e 17 anos, 53% entre 18 e 29 anos; e 28% entre 30 e 39 anos; 110% entre 40 e 49 anos; 3% entre 50 e 59 anos; e 1%) entre 60 e 69 anos. A idade média das vítimasfoi de 29,3 anos, o que evidencia que a morte prematura de jovens entre 15 e 29 anospor homicídio vem crescendo

no Brasil desde a década de 1980, como nos alerta o Atlas da Violência.

Sendo 78% travestis e mulheres transexuais negras e pardas, 71% dos assassinatos aconteceram em espaços públicos, tendo sido identificado que pelo menos 8 vítimas se encontravam em situação de rua. Também foi identificado que pelo72% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo. Dos 140 assassinatos de pessoas trans, 135 eram travestis e mulheres transexuais e 5 casos de homens trans e pessoas trans masculinas, sendo 81% travestis e mulheres transexuais negras e pardas e 78% direcionados contras travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo.

2.11. Dossiê dos assassinatos e de violência contra pessoas trans em 2022

Em consonância com os dados da ANTRA (2023), no ano de 2022, tivemos pelo menos 131 assassinatos de pessoas trans, sendo 130 travestis e mulheres transexuais e 1 homem trans/pessoa trans masculina. Não foram encontradas informações de assassinatos de pessoas publicamente reconhecidas como sendo não binárias em nossas pesquisas desse ano.

Em números absolutos, Pernambuco foi o estado que mais matou a populaçãotrans em 2022, com 13 assassinatos, saindo da 5ª posição para assumir o primeiro lugar; seguido de São Paulo que caiu da 1ª para a 2ª posição e do Ceará que saiu de 4º para 3º em 2022, com 11 casos cada. Minas Gerais manteve os 9 casos do ano anterior e o Rio de Janeiro, que teve 12 assassinatos em 2021, fechou 2022 com 8. Amazonas teve 8 casos e a Bahia 7. Paraná, Pará e Espírito Santo tiveram 6 assassinatos cada; Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Sergipe com 5 casos cada. Seguidos de Alagoas, Paraíba e Maranhão com 4 assassinatos em cada estadoe o Rio Grande do Norte com 3. Tivemos ainda 2 casos no Rio Grande do Sul, em SantaCatarina e no Distrito Federal. 1 assassinato em Rondônia, no Piauí e em Roraima. Não foram encontrados casos reportados no Acre, no Tocantins (pelo segundo ano consecutivo) e no Amapá. São Paulo, Ceará e Rio de Janeiro permanecem como os estados que sempre ocuparam posições entre os cinco estados que mais assassinaram pessoas trans do Brasil.

Em 2022, das 131 vítimas de assassinatos localizadas e consideradas nessa pesquisa, 130 eram travestis/mulheres trans, com a identidade de gênero (feminina) expressa pelas vítimas, que representam 99% dos casos. Entre os 131 casos analisados, 37 fontes não traziam qualquer informação a respeito da idade das vítimas,tendo sido considerados apenas os 94 casos onde foi possível identificar a idade. Os dados de 2022 apontam ainda que 5 vítimas (5,3%) tinham entre 13 e 17 anos; 49 vítimas (52,1%) tinham entre 18 e 29 anos e;

30 vítimas (32%) tinham entre 30 e 39 anos; 7 vítimas (7,4%) tinham entre 40 e 49 anos; 2 vítimas (2,1%) tinham entre 50 e 59 anos; e 1 vítima (1,1%) com 60 anos.

No ano de 2022, dentre os casos analisados pela pesquisa foi possível verificar a identidade racial da vítima, por meio do processo de hétero identificação em buscas pela internet após a morte para fins dessa pesquisa.

2.12. Análise dos dados da associação nacional de travestis e transexuais entre os anos de 2017 - 2023

Fruto das discussões iniciadas no ano de 1993 com a criação da primeira associação exclusivamente de travestis e liberados - ASTRALFÉ, importante ressaltar a importância da ANTRA como instituição para organizar a intervenção política e construir uma agenda específica no segmento para atuação dentro e fora do movimento (FERNANDES, p. 55). Demarca- se que são as travestis e transexuais, sobretudo as negras que seguem até os dias de hoje criando e recriando políticas públicas para população T.

Dados apresentados pela ANTRA, entre os anos de 2017 - 2022 demarca-se que o Brasil segue pelo 14° ano consecutivo, sendo o país que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundo. Somente no ano de 2022 foram 131 travestis e transexuais assassinadas, outro ponto importante de se observar é que as vítimas estão cada vez mais jovens com média de idade entre 15 a 39 anos.

A ANTRA aponta que aproximadamente 90% das travestis e transexuais sobrevivem da prostituição. Elas sofrem dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo excluídas das escolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo (BENTO, 2008). Nesse sentido, é possível compreender que a prostituição para muitas travestis e transexuais acaba sendo uma forma de existir laboralmente, concluo que a prostituição não é um problema, mas a partir do momento que ela se torna uma condição para as travestis e transexuais e não uma opção, temos sim um problema. A prostituição para as travestis e transexuais negras é uma condição ou opção?

O mapeamento da ANTRA, entre 2017 - 2022 evidencia que são as travestis e transexuais negras as que mais morrem vítimas da transfobia, sendo que a média de pessoas trans negras assassinadas é 79,8%, ao passo que em se tratando de pessoas brancas esse índice cai para 20%. Morrem por que são travestis ou por que são negras?

Além de tudo que expus, essa população é discriminada e marginalizada pela sociedade e, em muitos casos, pela própria família, o que dificulta cada vez mais a inserção deste grupo em espaços de direitos, uma vez que o trabalho, a escola, a moradia, a saúde

são direito de todo cidadão brasileiro. Mas fica a pergunta: quem estápreocupado em garantir e validar os direitos das travestis e transexuais negrasbrasileiras?

O Brasil tem se tornado ao longo dos anos o país mais hostil à vida de pessoas LGB-TQIAP+ no mundo, e é urgente que se assegure políticas públicas específicas para esta população, sobretudo no que diz respeito às travestis e transexuais negras brasileiras. Observando o contexto das travestis e transexuais negras de acordo com as análises apresentadas pela (ANTRA), é perceptível falhas na criação de políticas públicas específicas. Entendendo ser essa a população que mais carece de suporte social no que desrespeita as questões de desenvolvimento social.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo terceiro, inciso IV, prevê promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça,sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" é um dos objetivos fundamentais do Estado. E em seu artigo quinto, a nossa constituição deixa compreensível que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza,garantindo-se aos brasileiros [...] a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade". Contudo na vida cotidiana, nossa sociedade se mantém racista, sexista, transfóbica e violando a todo o momento o direito de pessoas negras, se todos somos iguais, por que a população negra segue sendo a quemais morre no Brasil?

Jovanna Baby (2021), pontua que são "as travestis pretas as pioneiras do segmento homossexual no Brasil, foram elas que se juntaram e foram as ruas do Rio deJaneiro em uma passeata exigirem respeito e uma posição do Estado frente a violência". A história começa pelas travestis pretas e se desdobra até os dias a partir das demandas sociais desta mesma população que luta há décadas para existir em meio às tentativas de apagamento desta população.

2.13. O enfrentamento político ao racismo: o impacto da discriminaçãoracial nas vivências de travestis e transexuais negras

O padrão brasileiro dominante é constituído por uma sociedade de origem escravista, cujos efeitos se mostram até os dias de hoje como padrão nas relações raciais e /sociais estabelecidas. Discriminação e o legado social escravagista se refletem nesse meio social, no qual a existência do modo de produção escravista nãocondizia com os pressupostos de uma nação livre e moderna, com mulheres e homensnegros em situações desvantajosas diante do quesito cor, numa sociedade em que a brancura da pele é sinônimo de status. Em outras palavras, o abolicionismo não levouamparo à população negra que se encontra nas piores condições de vida da cidade, na qual ainda se constitui como minoria social

(RODRIGUES, 2010).

O conceito de racismo é entendido como uma consciência grupal totalizante que tem como papel reservar o monopólio do recurso. Pronuncia-se, neste viés, a articulação de estruturas (jurídicas, econômicas e políticas), o imaginário social, assimcomo os indicadores (culturais). A partir daí, consideramos que:

> O racismo é um sistema em si: Em todos os casos, consiste no outorgamento de vantagens automáticas e sistêmicas a um segmento populacional específico, em virtudes de suas características fenotípicas, relacionadas ao controle e monopóliodos recursos. Como corolária, trata-se de uma ordem sistêmica que veda de maneira automática o acesso a esses recursos por parte do segmento subalternizado, por causa de suas características fenotípicas. Dependendo da sociedade em questão, aos critérios baseados no fenótipo podem juntar-se ainda outros, menos evidentes, como o da ascendência, do pertencimento étnico ou cultural etc. A sofisticação sistêmica do racismo contemporâneo reside, precisamente, no fato de que se fundamenta no fenótipo, porém estabelece sua legitimidade com bases em argumentos desracializados, que lhe conferem maiorcobertura e tenacidade (MORRE, 2011, p.16).

O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, não um simples ato da vontade de um indivíduo.

> O racismo é um sistema de exclusão que opera por meio de estigmatização de grupos populacionais que são racializados por possuírem determinadas características fenotípicas em comum. Elas são representadas como traços negativos a partir dos quais muitos membros do grupo racial dominante passam a atuar, o que ocorre em quase todas as esferas da vida de minorias raciais. Estigmas raciais são reproduzidos de forma ativa e passiva, estando presentes não apenas nas falas de indivíduos particulares, mas também em diversas produções culturais de forma direta ou encoberta. Estigmas raciais também informam o comportamento de membros do grupo minoritários em função do caráter reflexivo da discriminação. Minorias raciais desenvolvem várias formas deproblemas psicológicos, além de também tratarem pessoas do mesmo grupo de forma discriminatória, comportamento baseado na visão negativa que eles têm desi mesmos (MOREIRA, 2019, p.64).

Conforme Silvio Almeida (2019), o racismo é parte de uma estrutura social, e por isso não necessita de intenções para se manifestar, por mais que se calar diante do racismo não faça do indivíduo moral ou juridicamente culpado ou responsável pelasua manutenção.

Ao tratar especificamente das vivências de travestis e transexuais negras fica evidente que a estrutura social contribui para a sua marginalização e alta taxa de mortalidade. A desigualdade social entre negros e brancos torna-se uma estratégia deopressão em todos os níveis sociais para população negra.

Ainda que perante a lei os direitos da população negra estejam assegurados, nos encontramos numa eterna luta para que esta garantia seja real e positiva, permitindo que a sociedade brasileira se desligue desta cidadania paralela onde a população branca, classe média, vive mais de privilégios do que direitos. Ao contrário,a realidade da população negra

continua com sua cidadania comprometida em relaçãoao acesso às infraestruturas básicas e necessárias a uma vida com dignidade.

A alocução de superioridade então abarcava ideias como a de que eram as mulheres e homens negros, inferiores no que se refere à moral e ao intelecto devido asua genética. Ainda que o conceito de raça não tenha valor científico, o racismo e o pensamento construído se mantêm nas suas diversas formas. É a partir deste pensamento que o negro se reinventa, se reestrutura e se mantém vivo, ainda que comumente negado nos falsos discursos de igualdade de democracia racial.

Com isso, ser negro em nosso país é ser discriminado, num sistema falso de uma democracia que o abandona e que é desvantajoso por si e mais ainda para quemcarrega na pele e nos traços físicos a cor negra.

Entretanto, a partir da necessidade de se discutir o impacto das discriminaçõesraciais nas vivências de pessoas travestis e trans, foi instituído no Brasil no ano de 2014o Fonatrans (sic), foi idealizado pela pioneira do movimento de travestis e transexuaisno Brasil, Jovanna Baby.

Destaca-se que:

> “O mesmo é um dispositivo legítimo e reconhecido nacionalmente Movimento Social Político Organizado LGBT, e prima prioritariamente pela cidadania plena ea luta contra o racismo, preconceito e discriminação sofrida por esta população motivados exclusivamente por sua identidade de gênero, raça e cor” (FONATRANS, 2014).

O objetivo principal do Fonatrans (Sic) é discutir pautas relacionadas às travestis e transexuais, com enfoque nas questões raciais, a fim de traçar estratégias de mobilização. Tal mobilização traz os seguintes questionamentos: onde estão as travestis negras em nossa sociedade? Tendo em vista a precariedade social vivida poressa população, tornando-se uma marca escancarada da desumanização de suas vivências. Contudo é possível afirmar: a quem está reservado o direito de viver a transexualidade no Brasil?

Considerando que as travestis e transexuais negras são abandonadas em muitos casos pela própria família, excluídas do contexto escolar, negligenciadas nos espaços laborais e mortas com o aval do Estado que concerne para perpetuação do racismo e da transfobia em nossa sociedade, os desafios são inúmeros. Mas não devemos nos conformar com os dados estatísticos de mortalidade desta população, cada uma que morre vítima da transfobia e do racismo é uma grande perda para o movimento. As ruas e as esquinas deveriam ser uma possibilidade de empregabilidade e não uma sentença de morte para travestis e transexuais negras.

> [...] por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue e muitasvezes, nós o sabemos) domesticar. E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido

> falados, infantilizados (infantis é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1983, p. 225).

O cenário cotidiano para pessoas travestis e trans é repleto de extremaviolência, invalidação e discriminação constante. Como nos ensina Lélia Gonzalez (1983), “falar é um risco que corremos quando reivindicamos nossos direitos e a nossa existência”. Quando entendemos que a transfobia é estrutural, entendemos também que pessoas trans igualmente estão vulneráveis a violência de gênero, tal como mulheres cis. “A transfobia não ocorre por conta de como pessoas trans se portam, sevestem ou se sentem. A transfobia acontece e existe porque a sociedade se estrutura por meio de normas cisgêneras que marginalizam, estigmatizam, discriminam e excluem pessoas trans — independentemente da performance de gênero individual das pessoas trans. Pessoas trans sofrem transfobia, pelo fato de serem pessoas trans”(ANTRA, 2021, p. 135).

3. Redes sociais e digitais e a construção do sentido político

O advento da internet como uma nova rede global de compartilhamento de

informações e o surgimento de novas tecnologias disponíveis a cidadãos comuns revolucionaram nas últimas décadas a produção e divulgação de conteúdo. Segundo Gillmor (2005, p. 277), “a internet é o mais importante meio de difusão desde a invençãoda imprensa”. Com isso, dilui- se aos poucos a hierarquia vertical dos grandes meios de comunicação que detinham o monopólio de informar. Hoje o ciberespaço abre canais virtuais para a participação cívica, nos quais os cidadãos conectados podem expressar as suas opiniões e posições políticas.

> Nos últimos 150 anos, dispusemos essencialmente de dois meios de comunicação: de um para muitos (livros, telégrafos e telefone). Pela primeira vez,a Internet permite-nos dispor de comunicações de muitos para muitos e de algunspara alguns, o que tem vasta implicações para os antigos receptores e para os produtores de notícias, na medida em que a diferença entre duas categorias começa a tornar-se difícil de estabelecer (GILLMOR, 2005, p. .42).

De acordo com o autor as novas tecnologias resultam de uma crescente insatisfação com os meios tradicionais, pois criaram as condições para o surgimento dessa nova estrutura. Na nova era das comunicações digitais, o público não é mais apenas receptor, ele é parte do processo de produção e divulgação de notícias. Mesmoalgumas pessoas que vivem em países com regimes repressivos passaram a ter voz elutar por seus ideais, enfatiza Gillmor (2005, p.146), “as novas tecnologias permitiram que muitos milhões falassem livremente e fossem ouvidos, em muitos casos pela primeira vez”.

> A internet [...] está definitivamente inserida no processo de comunicação do homem moderno contemporâneo, oferecendo informação para que ele possa tomar decisões necessárias no seu dia-a-dia, seja no trânsito, no trabalho, ou para o seu entretenimento. É uma teia da qual, ele não consegue se desvincular, pois,quase tão necessária como o alimento, para alcançar a velocidade do mundo e se inserir nele como agente participante do contexto histórico, social, político, econômico e cultural (ROCHA, 2014, p. 161-162).

Como aponta Britto (2002), são perceptíveis os efeitos econômicos e políticos das tecnologias e suas consequências na ação social do espaço público, no entanto “éna disputa para vencer os limites pelo capital e pela expansão da cultura ligada aos ditames do consumo, que se opõem à concretização de uma comunicação popular libertadora, articulando democracia e cidadania (BRITTOS, 2002, p. 12).

> As tecnologias de informação e comunicação podem ser importantes instrumentosfacilitado- res da mobilização social, um meio ou uma ferramenta da ação cidadã.A atitude cívica por meio de tecnologias móveis não é fruto mesmo da tecnologia,mas de uma possível transformação no pensamento social. A tecnologia por si só, não mobiliza e transforma o cidadão pacato num ativista social. As tecnologias não determinam o procedimento da interação comunicativa, tampouco garantem ou promovem a reflexão crítico-racional; tão somente facilitam o armazenamento e a circulação dos estoques informativos e agilizam as buscas por uma diversidade de fontes informativas

Bennet (2004) pontua que as esferas públicas criadas pela internet são mais que uni-

versos paralelos de informação que existem independentemente da mídia de massa. Ao contrário, a internet muda a forma como são feitas as notícias em função da oferta de contrainformação. “A internet pode engendrar novas formas de participação individual ou grupal nas discussões dos assuntos que dominam a esfera pública. Enquanto ferramenta acessível, ela também possibilita que novos assuntos sejam trazidos à discussão pública” (BENNET, 2004, p. 25). Ampliando de forma substancial a circulação de informações e de fontes diversificadas descentralizando oprocesso de produção e a divulgação dos conteúdos e possibilitando a expressão de vozes diferentes. Esse espaço passa a ser considerado uma extensão da cidadania, que se articula por meio da troca de ideais entre os indivíduos interessados.

> Essa descentralização intrínseca à internet permite a construção de subjetividades opostas, até então excluídas da Esfera Pública. Tal característica é anunciada como traço mais significativo da rede, o que, acredita-se, permite quea internet subverte a autoridade política, ao mesmo tempo em que enfraqueça as formas estatais de controle (MARCONDES, 2007, p.7).

Recuero (2009) destaca que as redes sociais são constituídas de representações de atores sociais e de suas conexões e estas caracterizam-se pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, sendo possível formar agrupamentos para a troca de informações e ideais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimento, mas também o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. Martino (2015, p. 58), esclarece que “o poder da mobilização exponencial das redes sociais as torna umfator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet”.

A pesquisadora (2010) aponta, ainda, que um elemento característico das redessociais na internet é a sua capacidade de difundir informações através de conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos deinformação dentro da própria rede: “O surgimento e a popularização da internet permitiram uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais" (RECUERO, 2010, p.117).

Em consonância com Recuero, Gabriel e Kiso (2020, p. 234) asseveram que as“redes sociais são estruturas sociais que existem desde a antiguidade e vem se tornando mais abrangentes e complexas devido à evolução das tecnologias de comunicação e informação”. Entretanto isso significa que fora dos meios digitais sempre existiu uma rede social que podemos denominar como grupos de amigos, colegas de trabalhose escola etc…, contudo com o avanço das tecnologias digitais estes se expandiram em decorrência da acessibilidade dos meios de comunicação advindos da internet.

Gabriel e Kiso (2020, p. 241) concluem que “redes sociais relacionam as pessoas conectadas em função de interesse em comum”. Neste sentido o ativismo social nos meios digitais vem sendo consumido e direcionado por consumidores, marcas e empresas que compactuam do mesmo interesse, se posicionando a favor,como contra diferentes assuntos.

> A internet quebrou barreiras de espaços entre os indivíduos e revolucionou a forma de se comunicar e permitiu que novos produtores de conteúdos se destacassem nesse ambiente virtual, superando as barreiras impostas pelos veículos de comunicação tradicional. Um dos recursos que contribuíram com essarevolução foram os aplicativos das redes sociais (SILVA; TESSAROLO, 2016, p.2).

Recuero (2009) evidencia que tal movimento é provocado pela convergência midiática ao qual vem provocando novos modos e processos comunicacionais, possibilitando novas formas de comunicação atreladas a mudança dos discursos hegemônicos.

Já Fragoso explica que:

> Se em primeira instância as Mídias reforçam a construção da realidade a partir da qual se originam, tanto a enunciação dos conteúdos quanto às práticas de significação adotadas garante a dupla mão dos movimentos da ideologia para asMídias. Assim, ideologias configuram as Mídias, que por sua vez reforçam ou modificam ideologias, a partir das quais reformulam- se processos e produtos mediáticos (FRAGOSO, 2011, p. 105).

As Mídias sociais estão assumindo um papel fundamental na vida de ativistas sociais, facilitando cada vez mais o trabalho e dando voz aos que não costumam ser ouvidos. Um dispositivo de ascensão social no que tange aos interesses de cada classe. É quase impossível se manter fora dos meios digitais nos dias de hoje, considerando que o mundo ficou digital; nossas relações se tornaram digitais, mostrando cada dia mais a necessidade de nos inserirmos nesse universo quepossibilita diversas interações e ferramentas tecnologias que otimizam o nosso tempoe nos aproximam do universo tecnológico.

3.1. Bianca Manicongo e o poder da palavra

Atualmente a artista se identifica como uma travesti. Seu processo de transiçãose deu

junto ao início de sua carreira de poetisa, como descrito pela mesma no vídeo intitulado “Entrevista com a multiartista Bianca Manicongo, a Bixarte”, veiculado em 20/06/2022 na plataforma Youtube, no canal da Brasil de Fato Pernambuco, ProgramaTrilha do Nordeste.

Também conhecida no meio artístico como @Bixarte, é poetisa, atriz, escritorae rapper o que tem impactado bastantes pessoas através de suas palavras carregadas de sua identidade travesti. Ela é negra, nordestina e tem se tornado uma personalidade muito expressiva na cena artística.

Em sua entrevista ao Programa Trilha do Nordeste a multiartista destaca:

> “Eu lembro que eu fui para Slam Brasil, em 2018, que é o Campeonato Nacionalde Poesia Falada. E eu ainda com o nome antigo, com o rosto antigo, como o corpo antigo, e eu não passei da primeira fase e isso me assustava bastante; porque eu já gostava de fazer poesia, mas eu entendi que não tinha como eu ganhar nada com aquele corpo, com aquele nome que não era meu. Então, eu perdi na primeira fase, voltei para João Pessoa e voltei com a ciência de que eu não era homem e que nenhum tipo de 11’trabalho, nenhum tipo de arte que eu quisesse fazer, eu iria fazer enquanto homem. Então, eu lembro que eu andava narua e eu era sempre chamada de bicha e eu sempre fiz arte desde os meus oito anos de idade. Então, foi uma forma de eu juntar "bicha" e "arte" para eu poder falar com meus pais; inclusive sobre a minha travestilidade, sobre a minha transição. Aarte possibilitou que eu chegasse para a minha mãe e dissesse "sou mulher". Então, eu acho que o momento em que Bixarte nasceu para mim é aos 21 anos,desde que eu estava lá no útero da minha mãe eu já enten- dia que eu era uma travesti. Eu fui criada enquanto homem, mas sempre sendo uma travesti. E eu chego para minha mãe na hora certa, eu acredito. Com 19 anos de idade, eu consigo conversar com ela sobre a minha transição e sobre a urgência de ser aceita, porque eles me matavam e eu não queria morrer sem ter o abraço da minha mãe. Foi bem assim nossa conversa, e nesse processo que eu consegui externalizar Bixarte também” (Bianca Mani- congo, 2022).

Bianca Manicongo ressalta neste primeiro momento da entrevista a importânciada arte em seu processo de transição, entendendo seu corpo enquanto potência artística, todavia em decorrência da homofobia que já sofria por ser uma criança afeminada, juntou o que inicialmente soava como ofensa ao seu principal hobby a artee então nasceu seu nome artístico “Bixarte”.

Ao ser questionada sobre sua identidade negra travesti e sua arte, Bianca Manicongo verbaliza:

> “Ser mulher no Brasil é a gente estar brincando de roleta russa com o estado. Sermulher no Brasil é ser violentada no parto. Ser mulher no Brasil é a gente sofrer violência doméstica. É a gente receber menos, é não estar nas lives dos festivais, é ser um país que mais mata mulheres do mundo e que mais consome pornografia trans também. Então, acaba que eu ando com muito medo, as mulheres andam sempre com muito medo, porque nós somos o alvo da caça, do Estado principalmente. Então, eu encontro na arte a possibilidade de ser, a possibilidade de estar, de fazer o agora, mas sem medo. Eu encontro na arte a possibilidade, inclusive, de falar para os meus pais que eles podem ter outra filha travesti, que isso jamais vai ser um problema, porque nós não somos um problema. Encontrar na arte a possibilidade de se expressar é ter um cano de escape para poder ficar viva,

> é ter um fôlego reserva, porque nós não conseguimos só ficar militando, militando. Dizendo por que isso é machismo, dizendo por que isso é racismo. A gente cansa, a gente, às vezes, só quer ouvir uma Linn da Quebrada e tomar um bom vinho, porque a gente tem artista na música, artista trans na música. Então, às vezes é só isso que a gente quer, sabe?" (Bianca Manicongo, 2022).

Contudo, somente no ano de 2018 que Bianca Manicongo começa a ganhar visibilidade na plataforma do Instagram, mais precisamente com seus vídeos de poesias falada no IGTV, percebendo a importância de iniciar uma militância que a mesma já considerava ainda muito arcaica, trazendo à tona em suas poesias sua identidade e sua condição de mulher preta, travesti e nordestina.

Bianca Manicongo (@bixarte) possui em seu perfil no Instagram mais de 209 mil seguidores, 66 publicações e segue 5.050 usuários, além de diversos fãs clubes espalhados pelo Brasil. Em 2019, tornou-se a primeira artista trans a ganhar o concursode Slam Parahyba. Atualmente tem se dedicado à sua carreira de cantora e atriz comparticipação na rede Globo.

Desde o início de sua carreira a multiartista, combina suas vivências e dores como parte do seu processo criativo em suas poesias, expressando-se como tamanhaafirmação versos de justiça, cura e libertação. Bianca Manicongo assume como multiartista sua identidade própria no que concerne a busca por igualdade social paratravestis e transexuais, sobretudo negras. O modo que constrói e dissemina sua arte, torna-se uma ferramenta de mobilização social das causas trans. Ela que assume emsuas postagens, poemas e canções um compromisso ético-político com o legado e o movimento social de travestis e transexuais negras no Brasil a começar pela força ancestral que carrega em seu nome ao fazer menção a primeira travesti negra, encontrada em solo brasileiro, sendo ela Xica Manicongo.

Em suas poesias vivencia a realidade vivida por ela, enquanto uma travesti negra, nordestina e pobre, intercalando em seus versos suas dores, sonhos e perspectivas enquanto um corpo dissidente que visualiza na arte a possibilidade de não ser apenas um número na estatística de pessoas travestis e transexuais no Brasilao qual a expectativa de vida não passa de 35 anos de acordo com Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021).

Pensar as vivências transexuais e travestis para além da marginalizaçãocompulsória, imposta socialmente a estes corpos é um exercício diário, enquanto pesquisador. Apoiando-se nos estudos sobre letramentos múltiplos e heterogêneos -,aliados às construções dos estudos culturais e da visão bakhtiniana da linguagem, Souza (2011), observa que tais perspectivas expressam tanto nos meios escolarizados como em processos de espaços de aprendizagem em distintas esferas; além disso o hip-hop recombina, sem hierarquizar, os multiletramentos, reinventando os usos da linguagem.

Souza (2011), define como letramento de reexistência:

> Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois ao capturarem a

> complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para desestabilização do que se pode ser considerado como discurso já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da linguagem são apenas ensinadas na escola formal (SOUZA, 2011, p. 36).

A crítica apresentada pela intelectual contribui para se repensar as práticas educacionais, tendo em vista que o sistema educacional é segregacionista, marginalizando práticas de oralidades não convencionais em favor da construção do saber europeu de letramento escrito, o que atinge diretamente as comunidades afrodescendentes, cuja cultura se apoia em grande parte na oralidade.

> Para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é europeia e responde às teorias racistas vigente, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços marcada- mente influenciadas pela tradição oral desvalorizada,juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm lugar, valor algumse comparado aos valores da leitura e da escrita ensinada na escola e fora dela (SOUZA, 2011, p. 40).

Entretanto, a dimensão educativa do hip-hop, está comprometida em "recriar, de maneira singular, as práticas culturais e educacionais que marcam o movimento social negro nas diferentes épocas, desde a chegada dos negros africanos no Brasil" (SOUZA,2011, p. 43). Analisando o hip-hop sobre a perspectiva do movimento diaspórico e como manifestação urbana cosmopolita, Souza (2011) trata das raízes históricas do movimento, associando-o até mesmo à tradição oral dos *griots* africanos, como se pode perceber nas atividades desenvolvidas pelos rappers, que procuram - em suas narrativastematizar aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

A noção de reexistência proposta pela autora surge ao considerar que, para além de resistir, os grupos marginalizados reinventam e transformam práticas esaberes dominantes como subversão diante de uma situação de subalternidade. As ações de reexistência servem para produzir novos sentidos acerca das práticas dominantes por meio da linguagem. Defendendo a linguagem como prática social ondeo sujeito falante tem lugar e posição, ao discursar (SOUZA, 2009).

> Não a linguagem sem sujeitos, isto é, sujeitos plurais, que impregnam a linguagem com suas ideologias e práticas sociais, a linguagem pode ser compreendida apenas nas instâncias sociais de uso, o que implica, necessariamente, considerarideológico nas enunciações (SOUZA, 2009, p. 54).

Nessa conceção a linguagem aparece como fruto da interação entre os sujeitosque, ao se comunicarem, mobilizam sentidos, na medida em que há sempre uma reação frente a uma resposta.

Os letramentos de reexistência buscam desconstruir discursos cristalizados pormeio de práticas cotidianas no uso da linguagem, desestabilizando papéis sociais arraigados de modo a possibilitar a produção e construção de outras funções nas comunidades a que per- tençam

(SOUZA, 2009).

Para tanto, ao considerar a contextualização sobre linguagem, letramento, discurso, Souza (2009) afirma que letramentos singulares praticados por comunidades permitem o redimensionamento de identidades, ressignificação de papéis e lugares sociais. Em paralelo com essa discussão faremos o uso do letramento de resistência e reexistência para compreender as dimensões orais das poesias faladas de Bianca Manicongo (@bixarte), a qual faz o uso de uma linguagem não tanto convencional, partindo do princípio da oralidade negra e nordestina.

Nossas análises se pautam no papel de intervenção proposto por Rocha (2006; 2014).

> A linguagem não cabe apenas a condição de representar um social anterior a ela, mas também (principalmente) possibilita a inscrição das subjetividades no mundo. Mesmo pensando em termos estritamente linguísticos, tal posição não se sustentaria, observando a propriedade dos textos de “refletir sua própria enunciação", que os enlaçamentos podem também ser designados como processos de “reflexividade” ou de “autorreferência” (ROCHA, 2011, p. 11).

A linguagem além de seu poder de intervenção é dialógica. Segundo Mikhail Bakhtin:

> Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Nosso discurso, isto é, todos os enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de grau vários de alteridade ou de assimilabilidade, e de a perceptibilidade e relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, elaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2016, p. 53-54).

Neste sentido o autor propõe o conceito de dialogismo social como a relação que se estabelece com os enunciados. Assim, Segundo:

> (...) Todo falante por si mesmo um respondente em maior grau ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também alguns enunciados antecedentes dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Não apenas os discursos políticos doutrinários são reveladores da ideologia, mas igualmente qualquer discurso socialmente produzido e posto em circulação. Os enunciados carregam e materializam os diversos projetos societários. Para Bakhtin (2003), os enunciados são elos da história, e ecoam os outros discursos.

> O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O Objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo,

> correntes (...) O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele. (BAKHTIN, 2003, p.300).

Considerando-se, nesta perspectiva discursiva e dialógica da linguagem, que os discursos/enunciados emanam de sujeitos inscritos em certas posições, é fundamental conhecer as condições de produção do gênero do discurso IGTV, no ambiente digital das redes sociais da plataforma Instagram.

3.2. Poesias e performances

A fim de compreender os processos do movimento social e político de travestis no Brasil a partir de personalidades negras, busco analisar como a multiartista Bianca Manicongo faz uso do Instagram em prol das causas sociais contemporâneas que demandam de maior visibilidade e compreensão por parte da sociedade, tendo como referência as pioneiras do movimento social de travestis no Brasil. Nesse sentido, elencomeus objetivos.

Pretende-se refletir acerca do protagonismo de Bianca Manicongo na Plataformasocial e digital do Instagram, a fim de compreender como a artista faz o uso do Instagrampara criar espaços de discussão em prol de causas contemporâneas em consonância com o ativismo LGBTQIAP+.

Destaco como objetivos específicos:

- Descrever o perfil e a trajetória da multiartista Bianca Manicongo (@bixarte).
- Analisar linguisticamente trechos da letra de suas poesias em postagensno Instagram em prol do ativismo LGBTQIAP+.
- Compreender a importância do protagonismo da multiartista no papel de agente de transformação social no que diz respeito, especificamente, ao movimento detravestis e transexuais no Brasil.
- Dar visibilidade ao movimento social de travestis negras no Brasil.

Como percurso metodológico, foi realizada uma pesquisa na plataforma da redesocial *Instagram* (@bixarte) durante 2 meses. Entretanto, foi realizada coletas, análise e interpretação de dados por meio do perfil de Bixarte no Instagram durante o período de 09/07/2022 a 09/08/2023, foram selecionados 2 vídeos relacionados a sua militância na rede social Instagram que dialogasse com a temática proposta pela pesquisa. Possibilitando assim compreender o entendimento de linguagem social.

Todavia as análises dos vídeos são fundamentadas em consonância com a Análise do Comportamento a partir do conceito de dialogismo social (Bakhtin, 1929; 1979), linguagem e intervenção (Rocha: 2006; 2014) e letramento de reexistência (Souza, 2011). As análises

possibilitaram um aprofundamento a respeito das demandas sociais e os atravessamentos da linguagem no cotidiano das travestis e transexuais. Destaca-se que o ato de falar para está comunidade é sobretudo, lutar pelavida e pelo direito de existir.

3.3. Análise dos vídeos do IGTV (@bixarte)

A poesia de Bianca Manicongo (@bixarte) constitui em um ato político um discurso que extrapola a escrita, evidenciando a construção do sentido pessoal e socialpara a poetisa. Bianca Manicongo tem como premissa da sua poesia o respeito às mulheres, sua voz vibrante e potente grita por socorro a vida de todas as vítimas da misoginia e do machismo. Contudo o seu compromisso ético visa a eliminação do racismo, machismo, feminicídio, transfobia. O vídeo selecionado para esta análise encontra-se em seu perfil oficial do Instagram (@bixarte), mais precisamente na galeriado IGTV. Destaco que o acesso ao Instagram da artista e poetisa é “livre”. A escolha do vídeo IGTV “08 de março não é para comemorar” e “Mês da visibilidade trans” se deu pela relevância dos poemas e por estar em diálogo com a temática proposta pelapesquisa.

O primeiro vídeo desta análise caracteriza-se como um apelo ao Dia Internacional da Mulher, comemorado no dia 08 de março, em alusão ao ato histórico de 08 de março de 1971 na Rússia, em que cerca de 90 mil mulheres operárias foramàs ruas protestarem por melhores condições de trabalho e de vida. Bianca Manicongo(@bixarte) aparece em pé, vestindo-se uma blusa vermelha com estamparia mescladaem várias cores. Cabelos soltos e em frente a uma pichação na qual está escrito em preto “Viva santa Clara” e várias casas coloridas representando a Comunidade Santa Clara, localizado no bairro castelo branco na periferia da Paraíba. De acordo com a Prefeitura de João Pessoa (2021), Santa Clara constitui-se em uma comunidade localizada no bairro Castelo Branco na cidade de João Pessoa, Paraíba, em uma zonade vulnerabilidade social. Santa Clara também é conhecida pelo sincretismo religioso como uma serva do catolicismo a qual abriu mão de suas grandes fortunas para se dedicar aos cuidados dos mais necessitados. Ademais, pode-se concluir que o cenárioescolhido pela poetisa faz referência a sua comunidade como espaço de construção da sua identidade, enquanto mulher. Neste sentido compartilho a descrição da poesiada multiartista Bianca Manicongo como também o link do vídeo, disponibilizado no Instagram da artista.

O segundo vídeo desta análise também proposto e recitado pela multiartista @bixarte faz referência ao mês da visibilidade trans no Brasil. O Brasil segue sendo opaís que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. A poetisa encontra-se vestindo uma blusa vinho e uma calça marrom clara, cabelos trançados e aparentemente em uma viela. Ao qual recita sua poesia com bruscos movimentos e movimentação constante de um lado para o outro. A

viela ou beco traz consigo a representação das dificuldades de ser uma pessoa trans no Brasil ao qual simboliza caminhos estreitos, dificuldades, lutas e entre outros. Bianca Manicongo constitui um discurso que extrapola as narrativas hegemônicas, sendo ela uma mulher negra, travesti e nordestina, questionando o lugar das mulheres em nossa sociedade, trazendo críticas ao sistema de segurança pública para as mulheres, reflexões e posicionamento político, frente ao desmonte das políticas públicas no Brasil.

3.4. Dia 08 de março não é para comemorar

Dia 08 de março é o dia que deveria ser para comemorar. A vida de todas as mulheres, as que parem as que não parem nós deveríamos exaltar. Mas no Brasil é tempo de parar a cada nove horas uma mulher é assassinada na pandemia. Pelo décimo segundo ano consecutivo o Brasil é o país que mais pratica transfobia, para sermulher aqui tem que ficar ligada e todas elas na ativa, pois em briga de marido e mulher, se mete a colher a polícia e a medida protetiva.

Chega de violência, nem na rua, nem a institucional. Por aqui não haverá mais feminismo, sem ouvir as mulheres trans, se houver essa luta é ilegal. Quantas Dandaras vão precisar ser assassinadas pra vocês não deslegitimarem as mulheres depau? Não haverá mais sofrimento, não haverá mais dor, na minha casa escutamos asordens das senhoras, não escutamos as ordens do senhor.

As leis são criadas por imperadoras e que se foda os imperadores e nós seremosboca no trombone para denunciar agressor. Ser mulher é muito mais do que alimentar,é carregar uma história de silenciamento, apagamento e violência MI-LE-NAR. Ser mulher é não romantizar uma empregada doméstica que ganha mínimo e nem o leite dá pra comprar. E o macho diz que mulher tem que voltar pra cozinha, né? Mas pra lánós não vamos mais voltar.

E esse recado é pra todo machista ficar com ego dolorido. Pois aqui só comemoraremos o 08 de março, quando acabar essa porra de FEMINICÍDIO. (Bianca Manicongo).

3.5. Construção do corpus

- Gênero do Discurso: Vídeo no IGTV;
- Imagético: Plano de imagem e edição;
- Uso da Plataforma: IGTV e descrição;
- Verbal: Negação Polêmica; uso da 2°pessoa etc;

Gênero do discurso:

- Vídeo no IGTV;
- Tema: Dia da Mulher, 08 de março não é pra comemorar;
- Construção composicional: Declamação de poesia ritmada, em tomada única;
- Estilo Verbal: Construção de diálogo com os coenunciadores;

Imagético:

- Plano de imagem:
- Plano Americano (PA):
- A poetisa é mostrada em frente a uma pichação; confere destaque a “arte” apoetisa e a sua movimentação constante com os braços;
- Edição: Opção por tomada única, tornando a fala contínua;
- Aponta para um efeito de fluidez e maior imbricamento; Uso da plataformaIGTV:
- Vídeos maiores (até 1h);
- Podendo ser publicado no feed; tornando-se cada mais centrais IGTV e reels no Instagram;
- Descrição: Uso da hashtag para marcar perfis que assegura e luta pelos direitos das mulheres etc;
- Construção de uma rede discursiva de perfis;
- Mobilização na rede eengajamento;

Verbal:

- Inicia com uma afirmação;
  “Dia 08 de março é o dia que deveria ser pra comemorar a vida de todas asmulheres. As que parem as que não parem, nós deveríamos exaltar”
- Contraposição às afirmações de que o dia 08 de março é para comemorar; Uso de dados numéricos sobre assassinatos de mulheres no Brasil e o impactoda pandemia do Covid-19 para esta população, como argumentos de autoridade. Criação de efeito de verdade que outorga confiabilidade à fala;
- Desconstrói a falácia de que não existe transfobia;
  “O Brasil é o país que mais pratica transfobia, pra ser mulher aqui tem que ficar ligada e todas elas na ativa;”

- Contraposição à afirmação de que o direito humano não contempla todasas mulheridades;

Verbal:

- Marcas de diálogo e aproximação com o coenunciador:
  “Ser mulher é muito mais do que alimentar, é carregar uma história de silenciamento, apagamento e violência MI-LE-NAR. Ser mulher é não romantizar uma empregada doméstica que ganha mínimo e nem o leite dá pra comprar;”
- Uso de pergunta retórica;
  “Por aqui não haverá mais feminismo, sem ouvir as mulheres trans. Se houveressa luta é ilegal. Quantas Dandaras vão precisar ser assassinadas Pra vocêsnão deslegitima- rem as mulheres de pau?”.
- Uso de vocativo de segunda pessoa no discurso;
  “E o macho diz que mulher tem que voltar pra cozinha, né? Mas pra lá nós não vamos mais voltar. E esse recado é pra todo machista ficar com ego dolorido. Pois aqui só comemoraremos o 08 de março, quando acabar essaporra de FEMINICÍDIO”;

3.6. Mês da visibilidade trans

É que não tenho muito o que comemorar, mês da visibilidade trans, é dia da gente lutar e afirmar que essa sociedade não tá preparada para nos recepcionar. em 2020, 175 travestis foram assassinadas.

Do que adianta medida protetiva se nada protege aquela pobre trava saindo com vestido e batom vermelho, dá até medo sabe, um medo profundo, porque pela 13°vez, o Brasil é o país que mais mata travesti no mundo.

Além de conviver com medo, tem que conviver com a transfobia estruturada, me diz ai doutora, quantas travestis na tua empresa tem empregada, quantas pessoastrans tem dentro na sua casa, ou você só gosta de fazer hashtag e dizer que, pela causa é engajada!

Eu até poderia comemorar pelas 30 pessoas trans que foram eleitas na última eleição, mas isso é pouco, o que eu quero, se chama REPARAÇÃO! Não quero ser mais tema de TCC, seja inteligente, use seu neurônio, do que adianta eu falar e tu tirar10 e tu não dar um real pra ajudar comprar nosso hormônio.

Já imaginou? A cara de passado do Messias, sinhá moça, sem noção, quandovê Érica Malunguinho sendo eleita a primeira travesti presidente da nossa nação, aí sim eles vão surtar.

Deus que seja visível com a minha arte, invisível pra quem quer me matar, quea minha mãe possa dormir tranquila e nenhum macho nas travestis consiga encostar.

3.7. Construção do corpus.

- Gênero do discurso: vídeo no IGTV;
- Imagético: plano de imagem e edição;
- Uso da plataforma: IGTV e descrição;
- Verbal: negação polêmica; uso da 2°pessoa etc;

Gênero do discurso:

- Vídeo no IGTV;
- Tema: mês da visibilidade trans e travesti e as violências contra apopulação trans no Brasil;
- Construção composicional: declamação de poesia ritmada, em tomada única;
- Estilo verbal: construção de diálogo direto comcoenunciador;

Imagético:

- Plano de imagem:
- Plano Americano (PA):
- “A poetisa é mostrada do joelho para cima; confere destaque a poetisa esua movimentação constante;
- Edição: Opção por uma tomada única, tornando a fala contínua;
- Aponta para um efeito de maior imbricamento; uso da plataforma: IGTV;
- Vídeos maiores (até 1h);
- Publicado no feed; IGTV e reels;
- Descrição; perfis referentes à luta trans e travestis;
- Construção de uma rede discursiva de perfis;
- Mobilização, engajamento edivulgação;

Verbal:

- Inicia com a negação polêmica;

“É que eu não tenho muito o que comemorar, mês da visibilidade trans é diada gente lutar e afirmar que essa sociedade não está preparada para nos recepcionar”.

- Contraposição às afirmações de que o mês da visibilidade trans é paracomemorar;
- Uso de dados numéricos sobre assassinatos de pessoas trans e travestis; em princípio incontestáveis;
- Criação de efeito de verdade que outorga confiabilidade à fala;
- Desconstrói a falácia de que não existe transfobia;

"Do que adianta medida protetiva, se nada protege aquela pobre trava?";

- Contraposição à afirmação de que os atuais direitos trans sãosuficientes;

Verbal:

- Marcas de diálogos e aproximações com o co enunciador:
  "Sair com vestido e batom vermelho dá até medo, sabe? Um medo profundo";
- Uso de pergunta retórica;
  "Me diz aí, doutora, quantas travestis na tua empresa tem empregada? Quantas pessoas trans tem dentro da sua casa? Ou você só gosta de fazer hashtag e dizer que pela causa é engajada?";
- Uso vocativo, de segunda pessoa do discurso;
- Reforço da necessidade de lutar para reexistência:
  "Eu até poderia comemorar pelas 30 pessoas trans que foram eleitas na últimaeleição, mas isso é pouco. O que eu quero se chama reparação";
  "Deus que eu seja visível com a minha arte e invisível para quem quer me matar. Que a minha mãe possa dormir tranquila e nenhum macho, nas travestis, consiga encostar"

Em ambos os vídeos selecionados para esta análise é possível compreendera sede por justiça proposta por @Bixarte em suas poesias, ela que traz em sua voz, sede por equidade no que desrespeita a vida e os direitos das mulheres no Brasil. Emseu primeiro vídeo a alta taxa de feminicídio durante a pandemia é uma crítica forte e contundente, todavia em seu segundo vídeo a mesma chama a atenção para situação das vivências das travestis e transexuais em meio às estruturas sociais que corroborapara desumanização das mulheres.

De acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Aplicada - IPEA - (2022),houve um aumento significativo em casos de homicídios contra mulheres em suasresidências. E nem em seus próprios lares as mulheres estão seguras. Destaca-se queem 2019, 66% destas mulheres eram negras, tornando-se o risco de uma mulher negraser assassinada 1,7% maior do que uma mulher não negra. Isso significa que, para cadamulher não negra morta, morrem quase duas mulheres negras. Tais dados corroborampara o entendimento do sucateamento das políticas públicas para mulheres no Brasil.

Não se deve esquecer que as principais vítimas da transfobia em decorrência de crimes de ódio também são as mulheres negras travestis e transexuais, ou seja, existem

marcadores sociais que colaboram para as altas taxas de homicídios contra asmulheres no Brasil. Tais apontamentos concluíram que os crimes de feminicídio e transfobia no Brasil, são em maioria contra mulheres em situação de vulnerabilidade social e negras. Neste sentido é possível visualizar que não cabe a estas o direito de exercer e vivenciar suas mulheridades, a quem está reservado o direito de ser mulherno Brasil.

Considerações finais

Percorrer e apresentar a história do movimento social de travestis e transexuais no Brasil, a partir da perspetiva de intelectuais negras, contribui para visibilidade e reconhecimento da história e do lugar de quem viveu, vive e vivencia os desdobramentos das conquistas e lutas do movimento social e político. Movimento esse que perpetua como um espaço de resistência e luta. As memórias coletivas apresentadas nesta pesquisa, possibilita a interlocução das histórias e narrativas de travestis que viveram momentos diferentes na história, contudo os caminhos permanecem os mesmos.

Tal entendimento colabora para a existência das memórias coletivas do movi- mento social e político e travestis no Brasil a partir do legado de Xica Manicongo ao qual se perpetua como uma identidade coletiva dentro da comunidade negra. A existência dos lugares de memória, e os constantes esforços pela perenidade, é um reflexo da possibilidade do esquecimento e neste sentido, a representação viva destes ideais são mostrados nesta pesquisa e entende-se como um grito político ao compreender os desdobramento e nuances do segmento das travestis brasileiras.

Discutir racismo e o lugar da travesti em nossa sociedade implica em consideraro fato de que sua forma de operação é diferente, pois envolve questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, dentre outros da mesma maneira que discutir políticas de enfrentamento da transfobia exige pautar questões de raça. Nas ações domovimento social de travestis e transexuais, é preciso adotar posturas interseccionais não apenas no campo teórico, mas no campo da militância, promovendo a aproximação de pautas, consideradas distintas – racismo e transfobia – porém, que incidem sobre uma grande parcela da comunidade trans.

Todavia a população trans é alvo da soberania imposta pela congeneridade heterossexual. Suas vidas, seus corpos são cercados, sitiados e isolados do mundo. Seu cotidiano é vigiado, fiscalizado, violentado. É outorgada liberdade a sociedade cisheterormatizada para usar seus próprios critérios sobre quando e a quem matar. Noentanto, são os corpos pretos as Xicas Manicongos a herança ancestral do fazer político. A história permanece sendo o alicerce do enfrentamento as opressões sociais.Xicas Manicongos vivem.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em:https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf. Acessado em 15 jun. 2021

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

Benevides, Bruna G. Dossiê: **assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf. Acessado em20 jun. 2021.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008. (coleção Primeiros Passos n.328)

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRITTO, V. (org). **Comunicação, informação e espaço público. Exclusão no mundo globalizado.** Rio de Janeiro, Papel & Virtual, 2002.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na re(construção) de uma trajetória. Alea, vol.7, n.2, p.305 -322.

Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021/ Bruna G. Benevides (Org)Brasília: Distrito Drag, Antra, 2022. Disponível em https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf.Acessado em 15 set. 2021.

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs)São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021 136p. Disponível em:https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf. Acessado em 26 set. 2021.

Forúm Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros 2014.. http://www.fona- trans.com/. Acessado em 03 jan.2022.

FRAGOSO, Suely. **Representações Espaciais em Novas Mídias.** In: Dinora Fragada Silva; Suely Fragoso. (org). Comunicação na Cibercultura. São Leopoldo: EditoraUnisinos, 2001, v. 1,p. 105 - 115.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história**.** In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Pensamentos Feministas:** conceitos fundamentais. Riode Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GILLMOR, D. Nós, **os media.** Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: MarcoZero, 1982, (Coleção 2 Pontos).

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

IBGE, **Projeção da população Brasileira e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2010 - 2016**. Revisão 2019. 1980 e 1991 - ALBUQUERQUE,Fernando Roberto P. de C. e SENNA, Janaína R. Xavier. **Tábuas de Mortalidade por sexo e Grupos de idades - Grandes e Unidades da Federação - 1980, 1991, e 2000.** Textos para discussão,Diretoria de Pesquisa, IBGE, Rio de Janeiro, 2019. 161 p. ISSN 1518-675X; N.20.

Instagram.https://rockcontent.com/br/blog/instagram/#:~:text=O%20Instagram%20%C3%A9%20uma%20rede,e%20tamb%C3%A9m%20no%20Instagram%20Stories. Acessado em 15 set.2022.

IPEA.https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9144- dashboardviolenciamulherfinal-1.pdf. Acessado em 05 set. 2022.

JESUS, J. G. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2. ed.Brasília: [s.n],2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura.** Rio de Janeiro, v.3, n.1, jan-abr. 2019. https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817/0. Acessadoem 17 de fev.2022.

JESUS, jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentode mulheres transexuais. **Revista Cronos,** v.11, n.2,28 nov. 2012.

JOVANNA baby: **uma trajetória do Movimento de Travestis e Trans no Brasil**. Direção: Cláudio Nascimento e Marcio Caetano. Produção: Grupo Arco-Íris e Centrode Memória LGBTI João Antônio Mascarenhas. Edição e fotografia: Fabio Rodrigues.[S.1.:s.n],2020.

https://www.youtube.com/watch?v=uy7FfY66YqM&t=47s. Acessado 10 jan. 2021.

KOYAMA, Emi, The transfeminist manifest. In: DICKER, Rory; PIEPMEIER, Alison (orgs). **Catching a wave:** reclaiming feminism for the 21st century. Libano: Northeastern University Press, 2003, p. 244-259.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pósestruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2007.

MARCONDES, V. **Novas tecnologias de conexão e o futuro da esfera pública.** Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Passo Fundo, 2007.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Sociais Digitais: Linguagens, ambientes,redes.** 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOORE, Carlos, **A Humanidade contra si mesma para uma nova interpretaçãoepistemológica do racismo e de seu papel estruturante na história do mundocontemporâneo.** In: II Fórum Internacional Afro-colombiano. Bogotá 2011.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. / **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra,2021.

NETTO, José Paulo. **A construção do Projeto Ético-político do Serviço Social.** In: MOTA, Ana Elizabete [et al.], (orgs). **Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional** - Brasília - DF: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. Disponível em:https://sur.conectas.org/wp- content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira.pdf.Acesso em 25 set. 2021.

Paraiba.https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-apresenta- diagnostico-das-areas-de-risco-aos-moradores-da-comunidade-santa-clara/

QUIMBANDA DUDU – Grupo Gay Negro da Bahia. **Boletim do Quimbanda Dudu – Grupo Gay Negro da Bahia:** Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Cidadaniados Afro-Brasileiros, n. 6. Bahia, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCOTT. J. (1995). Gênero: **Uma categoria útil de análise.** (Trad. Guacira Lopes).Revista Educação e Realidade, (2002).

SCOTT. J. (1995). Gênero: **Uma categoria útil de análise.** (Trad. Guacira Lopes). Revista Educação e Realidade, (2002).

SILVA, Cristiane Rubim Manzina da; TESSAROLO, Felipe Maciel. **InfluenciadoresDigitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia.** XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, In: XXXIX Congresso Intercom, São Paulo, 2016.

SILVA, Jovanna Cardoso da. **Bajubá Odara:** resumo histórico do nascimento do movimento social de travestis e transexuais no Brasil / Jovanna Cardoso da Silva. 1.ed. Picos, PI, 2021.

SILVA, Jovanna Cardoso da. Movimento político social da população T no Brasil. In:CAETANO, Marcio [et al] (orgs). **Quando ousamos existir: itinerário fotobiográfico do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018).** Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG,2018.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hiphop. 2009.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto deEstudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2009.

SOUZA, A. L.S. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: hip hop. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** A Homossexualidade no Brasil, daColônia à Atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.